



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NPPA – NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM  
ANTROPOLOGIA  
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA**

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS INTELECTUAIS NO  
ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS - SE**

**JACKELINE FERNANDES DA CRUZ**

**São Cristóvão  
2015**

**JACKELINE FERNANDES DA CRUZ**

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS INTELLECTUAIS NO ENCONTRO  
CULTURAL DE LARANJEIRAS - SE**

Dissertação submetida ao  
Programa de Antropologia  
Social da Universidade  
Federal de Sergipe como  
requisito parcial à obtenção do  
grau de mestre em  
Antropologia.

**ORIENTADOR: Prof<sup>o</sup> Dr. Ulisses Neves Rafael**

**São Cristóvão  
2015**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Cruz, Jackeline Fernandes da

C957e Um estudo sobre as práticas intelectuais no Encontro Cultural de Laranjeiras-SE/ Jackeline Fernandes da Cruz ; orientador Ulisses Neves Rafael. – São Cristóvão, 2015. 109 f. : il.

Dissertação (mestrado em Antropologia Social) –  
Universidade Federal de Sergipe, 2015.

1. Etnologia. 2. Cultura popular. 3. Folclore. 4. Intelectuais. 5. Antropologia. 6. Encontro Cultural de Laranjeiras. I. Rafael, Ulisses Neves, orient. II. Título.

CDU 394.2-057.85

**JACKELINE FERNANDES DA CRUZ**

**UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS INTELLECTUAIS NO ENCONTRO  
CULTURAL DE LARANJEIRAS - SE**

Dissertação submetida ao  
Programa de Antropologia  
Social da Universidade  
Federal de Sergipe como  
requisito parcial à obtenção do  
grau de mestre em  
Antropologia.

A provada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professor Dr. Clovis Carvalho Brito

---

Professor Dr. Gilson Rambelli

---

Professor orientador. Dr. Ulisses neves Rafael

**São Cristóvão  
2015**

## AGRADECIMENTOS

Muitos dizem que estou encerrando um ciclo, porém devido às circunstâncias acredito que estou na verdade renovando um ciclo, pois muitos desafios ainda virão. Para que essa etapa fosse concluída muitas pessoas foram fundamentais e sem a parcela de cada uma delas eu não chegaria até a escrita desses agradecimentos.

A Deus por fazer da minha crença em sua existência a fortaleza necessária nos dias de tormento. Aos meus pais que se dedicaram, em parte de suas vidas, ao meu crescimento e mesmo quando ausentes me ensinaram a evoluir, especialmente à minha mãe Josefa Fernandes. À minha avó Dona Terezinha por ter ensinado os principais valores que carrego comigo, sobretudo o de ser feliz com o que tenho.

Aos meus irmãos, especialmente Beatriz Fernandes e minha irmã do coração Cida, sobrinhos queridos, destacando Stefany que tanto me ajudou nos cuidados com minha filha para que eu tivesse mais tempo dedicado a este trabalho.

À família Melo por sempre se mostrarem presentes durante todo o processo, dando suporte necessário para garantia do meu bem estar. À Henrique por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis. Aos demais familiares pelos momentos de descontração e lazer.

À Eugênia Andrade por ter despertado em mim, quando eu ainda era uma estagiária no Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, a vontade de prosseguir nos estudos e por ter me apresentado um grupo de estudos. A meu orientador da graduação Claudefranklin Monteiro (UFS) por me incentivar e ser uma referência acadêmica para mim.

Aos meus amigos do mestrado e da UFS João Mouzart, Alessandra, Sandreana, Priscila, Naylini, Cadu, Fabiana, Liana, Carol, Martha, Renata, Larissa e Luedy que foram tão fundamentais para muitos risos e aprendizado em dias de aulas, viagens e encontros. Aos amigos da minha vida Laiane, Danilo, Josué, Maristela, Márcia, Ludmila e Rafaela que sempre torceram e se preocuparam comigo. A Robério Santos por disponibilizar materiais do seu acervo para as minhas leituras.

Ao meu querido e estimado orientador Ulisses Neves Rafael, que ao longo de todo o percurso se mostrou competente no repasse de seu conhecimento e para além das orientações se mostrou um amigo em que pude confiar diferentes assuntos da minha vida. Sem esquecer das obrigações, soube aproveitar o que tive de melhor. A você “meu pai intelectual” a minha reverência, admiração e o meu muito obrigada.

Aos demais professores do Mestrado em Antropologia e em especial ao professor Luís Gustavo Correa que foi tão essencial durante o meu primeiro contato com as teorias antropológicas. A ele o meu agradecimento por ajudar no amadurecimento necessário à entrada no curso, valeu boy!

Aos Professores Gilson Rambelli que aceitou participar da minha banca de qualificação e contribuiu em grande medida com o seu olhar de pesquisador e escritor e em seguida aceitou o convite de compor a mesa de examinadores deste trabalho. E a Clovis Carvalho Brito que aceitou participar banca examinadora e desnudou de maneira espetacular o meu texto.

A todos os intelectuais que se dispuseram a contribuir com o meu trabalho, quebrando a rotina para poder me receber e confiar a mim depoimentos de muita valia. Grata estou e estarei sempre Beatriz Góis Dantas, Aglaé Fontes, Verônica Nunes, Samuel Albuquerque e Luiz Fernando Ribeiro Soutelo. A estes grandes intelectuais dedico meu empenho em concluir esse trabalho.

E a pessoa mais importante da minha vida, que ainda nem sabe dominar a leitura e a escrita, mas me ensina mais que muitos letrados, a minha filha amada Clarissa Fernandes, minha jóia preciosa. Você soube me ajudar doando amor incondicional. Nas madrugadas, tão necessárias para a escrita de cada palavra desses textos, você se comportou como alguém que entendia que a mamãe precisava trabalhar. Por você, especialmente, lutei para conseguir finalizar esse projeto e a você dedico este trabalho. “Mamãe ama mais que doce de leite”, minha delícia.

Dedico este trabalho a minha filha Clarissa Fernandes Melo.

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como principal objetivo compreender em que medida a atuação de intelectuais contribuí para a realização ininterrupta do Encontro Cultural de Laranjeiras-Se, e ao mesmo tempo entender a relação deles com a preservação das tradições folclóricas presentes no evento. As expressivas transformações nos paradigmas, relacionados à compreensão de conceitos como cultura popular, folclore e patrimônio imaterial, têm criado condições para a produção de novos imaginários e novas abordagens sobre estes. As primeiras abordagens referir-se-ão aos debates sobre festa, folclore, cultura popular e patrimônio imaterial. Tal debate servirá de suporte teórico para as discussões posteriores sobre a atuação dos intelectuais como salvaguardistas da cultura popular de Sergipe. Em seguida tratei de construir uma análise das edições já realizadas, sem necessariamente repetir o seu histórico, mas, sobretudo trazer os elementos que compuseram o evento, tendo como suporte teórico alguns dos materiais produzidos no Encontro ou para ele. Também apresento o resultado dos relatos orais de alguns dos intelectuais envolvidos com o evento e estes servirão de instrumento de pesquisa no qual o indivíduo, como agente social, constrói uma trajetória singular em face de um evento tão multifacetado como O Encontro Cultural de Laranjeiras. Por fim externo as conclusões acerca da experiência da pesquisa em face de determinados temas até os percalços da pesquisa como um todo.

Palavras-Chave: Intelectuais, Encontro Cultural, Folclore, Cultura popular.

## **RESUME**

This research aims to understand the extent to which contributed intellectuals of action for the uninterrupted completion of the Cultural Meeting of Laranjeiras himself, and at the same time understand their relationship to the preservation of folk traditions at the event. The significant changes in the paradigms related to the understanding of concepts such as popular culture, folklore and intangible heritage, have created conditions for the production of new imaginary and new approaches on these. The first approaches will refer to the discussions about parties, folklore, popular culture and intangible heritage. This debate will serve as a theoretical basis for further discussions on the role of intellectuals as salvaguardistas popular culture of Sergipe. Then I tried to build an analysis of previous editions, without necessarily repeat its history, but above all to bring the elements that made up the event, with the theoretical support some of the materials produced at the Meeting or for him. Also present the results of the oral accounts of some of the intellectuals involved with the event and these will serve as a research tool in which the individual as a social agent, builds a singular path in the face of such a multifaceted event like The Orange Cultural Meeting. Finally external conclusions about the research experience in the face of certain topics to the mishaps of research as a whole.

Keywords: Intellectual, Cultural Encounter, folklore, popular culture.

## **LISTA DE SIGLAS**

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

CDFB - Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro

CECS - Conselho Estadual de Cultura de Sergipe

CSF - Comissão Sergipana de Folclore

DCPH - Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico

ECL – Encontro Cultural de Laranjeiras

FUNCAJU - Fundação Cultural da Cidade de Aracaju

IHGS - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

MFB - Movimento Folclórico Brasileiro

SEF - Sociedade de Etnografia e Folclore

SUDOPE - Superintendência de Obras Públicas

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFS - Universidade Federal de Sergipe

UNESCO - Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 - Fonte: Acervo do APES – autoria desconhecida – Reverencial de grupo folclórico.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - **Bens tombados no Estado de Sergipe**

Tabela 2 - **Temas do Simpósio**

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
<b>CAPÍTULO I</b>	
1. Fronteiras moveáveis: a busca pela institucionalização e as discussões sobre festa, folclore, cultura popular e patrimônio imaterial.....	24
<b>CAPÍTULO II</b>	
2. As faces do Encontro Cultural de Laranjeiras e o lugar privilegiado do Simpósio.....	43
2.1. O aparato Institucional.....	43
2.2. Uma pausa para Laranjeiras: Campo fértil para um festival da cultura.....	45
2.3. A História fragmentada em elementos que compõe o evento.....	48
2.4. “Uma festa de contexto e de significado”: duas festas e um lugar para pensar.....	52
<b>CAPÍTULO III</b>	
3. “A graça de contar”.....	58
3.1. O que diz o intelectual sobre a sua trajetória no Encontro Cultural de Laranjeiras .....	58
3.2. - Entrevistas e entrevistados: o relato das experiências individuais dos intelectuais no Encontro Cultural de Laranjeiras. ....	60
3.2.1 Beatriz Góis Dantas.....	60
3.2.2 Aglaé Fontes de Alencar.....	69
3.2.3 Luiz Fernando Ribeiro Soutelo.....	76
3.2.4 Verônica Maria Meneses Nunes.....	79
3.2.5 Samuel Barros de Medeiros Albuquerque.....	83
4. O que vi e ouvi: interpretações e conclusões possíveis no Encontro Cultural de Laranjeiras.....	86

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	91
<b>APÊNDICES</b> .....	96
<b>APÊNDICE1: Roteiro de entrevista</b> .....	96
<b>ANEXOS</b> .....	98
<b>ANEXO 1: Bens tombados no Estado de Sergipe</b> .....	98
<b>ANEXO 2: Temas do Simpósio</b> .....	108

## INTRODUÇÃO

### O Catálogo da Cultura Popular Sergipana

O Encontro Cultural de Laranjeiras (ECL) completou neste ano de 2015 o seu quadragésimo aniversário e sua criação foi proveniente de uma proposta de abrangência nacional em que o folclore estaria no centro das discussões sobre cultura popular. É bem verdade que os governos militares impulsionaram a preservação e valorização da cultura, pois foi nessa fase que muitos órgãos de cultura e turismo foram criados em prol da defesa do patrimônio histórico e cultural do país.

Sob este aspecto, e atendendo a idéia de preservação, no ano de 1972, o então Ministro da Educação e da Cultura, Jarbas Passarinho, esteve em visita à cidade histórica e pode comprovar o potencial arquitetônico, cultural e histórico da “velha Laranjeiras”. A partir daí novas ideias começaram a ser traçadas em torno da cidade e uma política preservacionista, associada a órgãos de cultura e turismo, foram configurando rumos diferentes para a cidade que até então se mantinha em seu anonimato provinciano.

Os escritos de jornais trazem o anúncio da edição do ano de 1976, porém há relatos de uma quermesse organizada pela prefeitura no ano de 1975, a qual é tida como o marco inicial das festividades referentes ao evento. Para além das questões de datas e representações religiosas, a festa está inserida na vida social não só dos habitantes da cidade de Laranjeiras, mas de todos aqueles que de alguma maneira se identificam com a cultura popular.

O ano de 1976 foi um marco, pois o Encontro passou a ser pensado por um seleto grupo e, a partir daí, organizado levando em consideração os aspectos culturais não só da cidade histórica, mas de todo o Estado de Sergipe, pois o objetivo do evento era o de promover a valorização, preservação e o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à cultura popular por meio da realização de um simpósio temático. Naquele ano o Encontro ocorreu em maio, contrariando a opinião de Beatriz Góis Dantas, que fez parte da comissão organizadora. Porém no ano seguinte a festa foi

incorporada às festividades de reis que ocorrem em janeiro, como sugerira a antropóloga no ano anterior.

A festa de Santos Reis da cidade de Laranjeiras tem como sede a tradicional Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, dois santos que ao longo do tempo foram cultuados, predominante, por negros. A propagação do culto a esses santos entre os cativos se deveu ao trabalho dos padres jesuítas, além das irmandades e franciscanos que direcionaram suas liturgias em prol da formação do bom escravo, aquele que não se rebelaria, pois estaria amordaçado pelas amarras religiosas pregadas pela Igreja Católica.

Do ponto de vista simbólico a Igreja reforça o sentimento de pertencimento de um determinado grupo a um espaço, pois ao passo que viabiliza as redes de sociabilidade também reafirma a identidade dos devotos. Assim, os espaços, em sua forma simbólica, representam relevantes elementos para a manutenção da identidade em suas mais diferentes faces

No interior da Igreja são realizadas comemorações tradicionais envolvendo grupos folclóricos, como por exemplo, o Cacumbi e as Taieiras, sobre essas manifestações culturais, no decorrer do trabalho voltarei a mencioná-las, pois foram objeto de pesquisa de alguns intelectuais. O estudo da festa de Santos Reis permite vislumbrar o entendimento acerca da origem do Encontro Cultural da cidade de Laranjeiras, ao passo que temáticas como religiosidade, sagrado e profano vão configurando os elementos concernentes à cultura daquele espaço.

É importante destacar a importância desse evento para a melhor compreensão das relações sociais no espaço urbano de Laranjeiras e a relação com os primórdios do Encontro Cultural. Obviamente que com o passar do tempo a festa foi ganhando novas roupagens e significados que a distanciam do seu intuito inicial. Assim, após ser incorporado às comemorações da festa de Reis, o Encontro Cultural foi dando maior visibilidade à cultura popular sergipana.

O evento pode ser visto como uma festividade que reúne políticos, entusiastas e, sobretudo intelectuais reunidos em volta da temática maior que é a cultura popular brasileira. Realizado há quatro décadas, o Encontro se mantém como um dos maiores festivais de folclore e cultura popular do Brasil. O foco dos estudiosos, sejam eles

sergipanos ou não, é o simpósio temático, que reúne pesquisadores das mais diferentes áreas para prestigiar e discutir questões concernentes à cultura popular.

A Professora Aglaé d' Ávila Fontes ao se pronunciar no 39º Simpósio do evento<sup>1</sup> afirmou que em 30 anos de dedicação ao Encontro Cultural de Laranjeiras tem certeza que, ela, junto com seus colegas, fizeram a tarefa de “sustentar o que não dava lucro”. Ainda complementou dizendo, em outras palavras, que quem estuda cultura popular busca analisar as formas como as expressões do povo se apresentam e por conta disso é uma preocupação de várias áreas, como a antropologia, por exemplo. Essa é uma das narrativas possíveis para análise.

Configurado a partir de um conjunto de atividades que contempla tanto a apresentação de grupos folclóricos e de artistas diversos, quanto as atividades relativas a estudos sobre a cultura popular, é nesse contexto que destaco o simpósio, o qual acontece para viabilizar e disseminar discussões mais acadêmicas, ele é uma das várias faces do ECL e é nele que se concentra o trabalho dos intelectuais que neste trabalho são alvos da minha pesquisa.

Partindo do pressuposto de que o antropólogo trabalha para construir o entendimento sob diferentes pontos de vista, entendo como necessário a construção de uma narrativa a partir das perspectivas daqueles que pensaram o evento, que nos bastidores do Encontro Cultural traçaram uma trajetória de trabalhos a favor da preservação da cultura popular em geral. As narrativas desses sujeitos sociais sugerem diferentes caminhos para compreender a consolidação das práticas consideradas tradicionais no estado, bem como entender a longevidade do evento, em detrimento de outros festivais de natureza semelhante no Estado.

Em relação ao trabalho, se configura como categorias epistemológicas as representações, tradição, memória, os discursos e seus reflexos nas relações sociais. Assim, a presente pesquisa tem a pretensão de compreender, para além das categorias mencionadas, as transformações nos paradigmas, relacionados a conceitos como cultura popular, folclore e patrimônio imaterial e, sobretudo traçar uma etnografia dos intelectuais que participaram ou participam do Encontro Cultural.

---

<sup>1</sup> Pronunciamento ocorrido no 39º Simpósio do Encontro Cultural de Laranjeiras, no dia 08 de janeiro de 2014.

O protagonismo assumido pela *intelligentsia* em diferentes momentos do Encontro Cultural de Laranjeiras merece uma contínua reflexão. Com o escopo de empreender e compreender o território comum entre as temáticas dos intelectuais e da cultura, este trabalho se dedicará à discussão de aspectos teóricos e metodológicos relacionados à antropologia dos intelectuais e da cultura, à análise de suas produções artísticas ou acadêmicas, à discussão de seus espaços de sociabilidade e reflexão.

(...) Importante lembrar que a geração que criou e organizou os primeiros Encontros já sofreu baixas significativas, levando consigo suas experiências e recordações. (...) (DANTAS, 2015)

### **1.1. Construção do objeto de pesquisa e a inserção no campo**

Costumo dizer que todo objeto de estudo é motivado por um interesse pessoal. Assim o meu interesse por pesquisar o Encontro Cultural de Laranjeiras não se deu de maneira gratuita. Desde muito cedo tenho recordações de minha avó me levando para assistir a apresentações de grupos folclóricos na festa de aniversário da minha cidade natal. Mesmo não compreendendo toda a simbologia que revestia os grupos, que na maioria das vezes eram de fora da cidade, eu me identificava com aquele universo. Anteriormente à minha entrada na graduação tive a felicidade de ir ao evento e, diferente de muitas pessoas que iam para ver os shows de bandas, eu ia pra assistir à apresentações dos grupos folclóricos.

Durante a graduação no curso de História na UFS tive a oportunidade de participar de um projeto de pesquisa que, entre as minhas funções de bolsista, eu deveria trabalhar na catalogação de um acervo fotográfico do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES). Em determinado momento me deparei com um acervo riquíssimo do Encontro e desde então a afinidade pelo tema deu espaço à vontade de pesquisar sobre o assunto. Nas fotos, algo me chamou bastante atenção, pois em diferentes edições os intelectuais que faziam parte da realização do simpósio eram quase sempre as mesmas pessoas, se tratando dos sergipanos envolvidos, porém não me deixei levar por tal constatação. Mais adiante falarei das motivações dessas permanências.

Ao ingressar no Mestrado em Antropologia, na mesma Instituição, meu orientador me despertou para essa temática e a partir desse momento fui me direcionando a pensar a trajetória intelectual dentro do evento. Aos poucos fui moldando a minha pesquisa e tratando de temas subjacentes com os quais, outrora, não havia tido contato mais aprofundado. Através das disciplinas cursadas foi possível desenvolver e aprimorar os métodos antropológicos de pesquisa, tão essenciais no trato com o universo do qual esses escritos fazem parte.

Algumas questões foram aparecendo ao longo de minha pesquisa, como por exemplo, como se deu o início do evento? Como e por quem foi pensado e organizado inicialmente? Por que a escolha de Laranjeiras, já que também temos outras cidades com uma riqueza histórica análoga? O que esse evento acrescentou à cidade de Laranjeiras? Seria o simpósio o responsável pela sua longevidade? Qual a motivação de alguns intelectuais em se manterem presentes em praticamente todas as edições do Encontro Cultural de Laranjeiras? Foram tais indagações que impulsionaram o início da minha pesquisa.

Ao chegar à cidade de Laranjeiras, na tarde do dia 06 de janeiro de 2014, deparei-me com um cenário bem recorrente em cidades interioranas: poucas pessoas nas ruas, alguns idosos sentados na porta de bares, alguns estudantes conversando. Mas o clima de festa, a qual é considerada, por muitos pesquisadores de cultura popular, como o mais importante evento cultural do Estado, parecia que não ia acontecer ali. Isso foi muito curioso, pois antes de ir a campo pensei que a cidade estaria em efervescência cultural, afinal era dia de Santos Reis. Em ocasiões anteriores quando estive no evento, porém sem intenções etnográficas, não percebi essa diferença.

O ofício de um etnógrafo no campo é quase sempre obscuro. É preciso descortinar as possibilidades e encontrar um solo fértil de significados. Acreditando que o saber antropológico foi legitimado enquanto ciência através de uma metodologia na qual a observação participante aparece como elemento central (SILVA, 2000), comecei a desconstruir bases sólidas da minha bagagem pessoal em relação ao Encontro Cultural de Laranjeiras.

Minha intenção inicial foi compreender a interação dos moradores da cidade com o evento e, a partir daí, tentar reconstruir as narrativas e interpretações individuais,

mas ao chegar ali percebi que a expectativa criada por mim de uma interação social em torno da festa deu lugar à simplicidade do cotidiano de uma pequena cidade. Obviamente, estou comparando a rotina vista ali a um dinamismo encontrado numa cidade grande.

Predispus-me a rondar pelos espaços urbanos a fim de perceber o tal clima de festa. Andei por muitas ruas em volta do centro e em todas elas percebi a instalação de aparelhagem sonora. Foi perceptível que as pessoas não se sentiam incomodadas com o barulho constante das caixas de som, pois todas elas sabiam que seriam utilizadas apenas em dias do evento, pude constatar ao abordar as pessoas sentadas nas calçadas em diferentes ruas da cidade.

Para a maioria das pessoas entrevistadas, existe um respeito em relação à tradição de festejar o dia de santos reis. Por mais que alguns não se envolvam diretamente, as pessoas entendem a festa como um acontecimento importante para a cidade, pois para muitos faz parte da tradição e história do município. Apesar de serem eventos diferentes, o Encontro Cultural e a festa de reis se confundem como um só evento, isso se deve ao fato de a segunda edição do Encontro ter sido incorporada a tradicional coroação de reis, comemorada sempre no mês de Janeiro. A noite que inaugurou o 39º Simpósio do evento aconteceu no dia 08 de janeiro de 2014, momento em que alguns estudiosos se reuniram para discutir sobre diversos assuntos relacionados à cultura. Digamos que nessa noite a cidade pareceu vestir a sua roupa de festa. A chegada de pessoas, a movimentação de vans e carros particulares mudou a paisagem da cidade histórica. O hall da Universidade Federal de Sergipe – Campus Laranjeiras – ficou pequeno para receber tantos convidados.

A respeito de a cidade vestir a roupa de festa duas coisas foram bastante reveladoras para essa percepção. A primeira se reporta ao fato do interesse que movia as pessoas a estarem nas ruas naquele horário, soava oito da noite na frente do pólo da Universidade Federal e, o segundo, era a aparição de muitos mestres de grupos folclóricos que não são vistos com frequência. As pessoas estavam interessadas em ver a chegada de pessoas novas, de presenciar e fazer parte daquela movimentação. Além disso, a reverência e o respeito demonstrado pelos mestres enchiam seus olhares de um brilho bastante peculiar. Talvez em nenhum momento no decorrer do ano eles seriam tão prestigiados.

Era chegada à hora do credenciamento. O simpósio teve como tema “Cultura popular, preservação e sustentabilidade” e foi realizado em três dias consecutivos. Contou com a presença de autoridades políticas, mestres populares, intelectuais sergipanos e de outros Estados, além de muitos estudantes e pesquisadores de diversas áreas. A essa altura a festa já ia começar, pois o simpósio é o toque que sinaliza o início dos batuques e danças nas ruas da cidade histórica.

## **1.2. Objetivos**

A pesquisa pretende compreender de que maneira o protagonismo assumido pela *intelligentsia* sergipana operou nos diferentes momentos do ECL. Em que medida os aspectos políticos e sociais influenciaram a trajetória desses intelectuais. Pretende ainda, por meio das entrevistas e em meio à subjetividade que está impõe tentar reconstruir a visão destas pessoas em relação aos eventos e situações passadas.

O problema da presente pesquisa é reconstituir, através das entrevistas e documentação produzida no Encontro Cultural, as permanências e transformações ocorridas ao longo dos últimos quarenta anos, da trajetória do pensamento intelectual e sua relação com os estudos sobre cultura popular em Sergipe.

## **1.3 - Proposta Metodológica**

Houve uma fase da pesquisa que não consistiu somente na observação do evento, mas, sobretudo nos resultados promovidos por ele ao longo dos anos. Assim foi imprescindível a visita a locais que fazem a guarda de materiais que tratam do evento. Trata-se dos anais publicados pelos órgãos organizadores do ECL, das fotografias, folders, jornais, trabalhos acadêmicos. A partir desse momento comecei a traçar a minha metodologia em prol da busca de documentação referente ao evento.

Inicialmente optei pela procura das fontes primárias, aquelas produzidas pelo próprio simpósio, jornais e outros arquivados em locais públicos. Nessa altura me deparei com um problema enfrentado pela maioria dos pesquisadores, os arquivos institucionais, em sua maioria, não dispõem de um material sistematicamente

organizado e as informações encontradas muitas vezes são cheias de lacunas difíceis de serem preenchidas.

Pela minha intimidade com o APES foi fácil perceber que dentre os locais de pesquisa, ele é o que mais dispõe de material em relação ao evento, sobretudo o acervo fotográfico, o qual, em oportunidade anterior, teve suas fotos acondicionadas através de um projeto de pesquisa da qual fiz parte. Porém todo o acervo carece de um trabalho mais ordenado, em que seja possível a identificação da documentação. Lá foi possível digitalizar algumas imagens e consultar alguns dos Anais do evento.



Fonte: Acervo do APES – autoria desconhecida – Reverencial de grupo folclórico.

No Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Sergipe (IHGS), primeiramente consultei os jornais que se encontram digitalizados, além de consultar também alguns anais do evento. Lá foi possível, ainda, o acesso a obras de alguns dos intelectuais que participaram do evento, como por exemplo, trabalhos da antropóloga Beatriz Góis Dantas.

Na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe somente quatro edições podem ser localizadas no sistema para consulta interna. Nessa Instituição se faz viável a consulta de trabalhos de pesquisadores que se dedicaram ao evento. Não menos importante foi a consulta a Biblioteca Pública Epifânio Dória e ao Instituto Tobias Barreto, o qual condiciona o acervo pessoal do saudoso Luiz Antônio Barreto, um dos mentores da proposta do ECL.

Dentre todos os mecanismos de coleta de informações, sejam eles através dos arquivos ou de trabalhos acadêmicos, nenhum se compara a importância da obtenção de informações por meio de entrevista como instrumento metodológico. Mesmo respeitando toda a subjetividade que esse recurso pode oferecer, ainda assim, ele se faz solo fértil para coleta de dados. Não há como etnografar o pensamento intelectual, em relação ao ECL, sem saber as visões e versões sobre os fatos fornecidos pelos próprios organizadores e envolvidos.

Assim, a ferramenta principal, dentre todas citadas, é a entrevista com os intelectuais que de alguma maneira contribuíram para a realização de boa parte dos eventos passados, se não de todos. Esta é uma ferramenta metodológica que municia o antropólogo de tal maneira, que o possibilita “olhar, ouvir, escrever” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000). Não interessa a esse trabalho enaltecer qualquer pessoa pela sua participação no evento, mas, principalmente, ver a possibilidade de, através das narrativas sobre as suas experiências como protagonistas, poder delinear os resultados de uma vida de estudos dedicados ao folclore sergipano sob a égide do Encontro Cultural.

As entrevistas obedecem a um questionário previamente formulado, porém não anula a possibilidade de novas indagações ao longo das entrevistas. Também deve ser levada em consideração a ética no trabalho antropológico, sobretudo no respeito a possíveis negações a determinadas perguntas, se o entrevistado assim escolher.

Quanto à estrutura da dissertação, esta está dividida em três capítulos distintos. O primeiro irá explorar uma discussão sobre folclore, cultura popular e patrimônio imaterial. Em primeira instância, e sob a luz de discussões anteriores, apresento o termo folclore não somente com seu intuito de origem, mas, sobretudo a busca pela institucionalização como disciplina. Num segundo momento abro espaço pra discutir o contexto em que o termo cultura popular veio, aos poucos, buscando englobar novas significações ao que antes era tratado sob os alicerces do folclore. Ao final do capítulo apresento patrimônio imaterial como uma categoria que surge para abranger toda a diversidade cultural brasileira.

No segundo capítulo, o foco das discussões girará em torno dos eventos que já aconteceram, não se limitando a reproduzir seus históricos, mas, sobretudo tratar das diferenças e contribuições deixadas pelo material produzido ao longo dos eventos nos últimos quarenta anos. O terceiro capítulo condensará as entrevistas feitas a alguns

intelectuais envolvidos no ECL através de uma análise das versões apresentadas por cada um, levando em consideração as convergências e as divergências dos depoimentos. Tal material será a bússola para a construção de uma versão do ECL sob a perspectiva dos intelectuais envolvidos.

## CAPÍTULO I

### **1. Fronteiras movediças: a busca pela institucionalização e as discussões sobre festa, folclore, cultura popular e patrimônio imaterial.**

Em tempos de crescimento do espaço urbano e, conseqüentemente de mudanças sob diferentes aspectos da sociedade, como cultura, política e economia, por exemplo, uma festa de tradição popular enfrenta alguns obstáculos para sobreviver ao desgaste oferecido por tais transformações. A mentalidade do século XVIII, dotada de um racionalismo, foi determinando a redução do número de festas, uma vez que era o trabalho e não o lazer a força motriz da sociedade mercantilista.

De maneira generalizada, uma festa corresponde a um fazer coletivo que demarca tempo e espaço e, nesse sentido, expressa sua força à medida que a coletividade, ao longo do tempo, venha a repetir os rituais que constituem tal acontecimento. Deixando de lado inúmeras interpretações sobre a vivência na festa e se concentrando apenas em um de seus intuitos, que é relembrar tradições, a festa tem uma dinâmica própria e resgata singularidades de um grupo. Para além, “a festa não é somente boa para dela participar, é também boa para pensar, pensar os fundamentos do vínculo coletivo, o que faz a sociedade” (PEREZ, 2002, p11).

Segundo Durkheim (1996), a festa pode ser entendida como um rito realizado por meio da coletividade ou mesmo algo digno de efervescência. O que distingue o cotidiano e a festa, seguindo o pensamento durkheimiano, é a velocidade das relações sociais, ou seja, a forma como as pessoas interagem obedecendo às emoções do momento vivenciado.

A festa, sem dúvida, representa um ponto culminante das relações sociais, pois é algo que se diferencia da vida ordinária e que dá margem para o alargamento do processo criativo dos envolvidos. Segundo a autora Léa Freitas Perez (2002), a diversidade existente no Brasil favorece o que ela chama de “*multiverso*”, ou seja, a

festa torna-se uma atmosfera plural que admite diferentes vozes e diversas formas de organização, porém comporta uma coesão entre os envolvidos.

A observação de Mauss traduz em parte o que foi mencionando acima: “As festas não são coletivas apenas porque uma pluralidade de indivíduos dela participa, mas porque são atividades do grupo e porque é o grupo que elas exprimem” (Mauss, 1974:295). Existe uma interação entre os envolvidos, porém, não se deve reduzir a uma antropologia bucólica em que essa interação seja idealizada como um todo puramente organizado e linear.

O evento é uma possibilidade de resgate do que é tradicional, traz à tona a visualização daquilo que é pensado e discutido entre as paredes do simpósio. Enquanto ecoa nas ruas o agradável barulho dos instrumentos musicais dos grupos folclóricos, a mesa de discussões abre debates que chamam a atenção da comunidade. Dessa maneira a festa, assim como afirma Duvignau acerca de pesquisa realizada em outro contexto, “deixa sementes que, mais ou menos tardiamente, agitam e perturbam a sonolência da vida comum” (DUVIGNAUD, 1984:8). Talvez essa seja a intenção primeira do trabalho do intelectual.

Marcelo Barros em seu trabalho intitulado, “O divino segredo da festa” (2001), aborda o problema enfrentado no Brasil acerca da continuidade das festas de rua. Para ele comemorações como “folias de Reis” ou, no Nordeste, o “pastoril” e “reizados” foram perdendo sua força e, hoje, em muitos lugares, foram reduzidas “a uma missa igual a uma outra qualquer”. O que não é o caso de Laranjeiras. No caso do Encontro Cultural, a festa engloba uma multiplicidade de ações e isso é o que a diferencia de uma mera cerimônia. Enquanto um grupo se prepara para apresentação, outro finaliza a sua performance. Em meio a um espaço de apresentação teatral existe também uma apresentação musical ou de dança. Tudo isso acontece no meio externo, internamente o Simpósio Cultural se vale da recordação dos eventos passados e também da expectativa do próximo evento.

Em se tratando do Encontro como objeto de estudo, a problemática das questões relativa aos termos folclore, cultura popular e patrimônio imaterial e seus usos na contemporaneidade se torna parte indissociável da pesquisa. No trato sobre folclore e questões subjacentes se faz necessário à consulta a Florestan Fernandes (1978) que, a partir da década de 1940, iniciou sua investigação sobre folclore enquanto fenômenos sociais ligados a transmissão de uma tradição cultural. Segundo Vilhena (1990),

Florestan se esforça no processo de marginalização do folclore enquanto disciplina acadêmica, porém vê no folclore algo potencialmente socializador.

O trabalho, por tomar como objeto eventos passados, requer o uso da memória como ferramenta importante no resgate de informações do passado. Jacques Le Goff (1994), vê na memória a eficácia de se preservar informações passadas e utilizá-las para abordar problemas ou temas do tempo presente. Ainda no trato sobre memória Michael Pollak (1992) sublinha a memória como um constructo social não somente coletivo, mas também individual .

Dentre muitos autores destaco para as abordagens iniciais uma obra bastante significativa para esta reflexão. Trata-se da pesquisa realizada por Luis Rodolfo Vilhena, intitulada “Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964” (1997), na qual o autor faz uma reflexão sobre o campo de atuação dos folcloristas no Brasil e, ao se debruçar sobre esse assunto, acaba por revelar os desdobramentos dos acontecimentos que chamo aqui de macros (nacionais) em contextos micros (regionais). É através do reflexo dos principais acontecimentos no país, relacionados à preservação do folclore que em Sergipe se construíram instituições voltadas também para esse fim.

Outra obra muito importante para essa fase inicial do trabalho tem por título “A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil” (1996), de José Reginaldo Santos Gonçalves, a qual me ajudou a entender que, para disciplinas como a sociologia, a antropologia e a história as discussões voltadas para a preservação do autêntico e do folclorístico foram aos poucos se tornando uma preocupação com a identidade nacional.

As questões voltadas para essa ideia de identidade, pertencimento e autenticidade ainda não foram devidamente exploradas aqui, porém no decorrer da argumentação se fará necessária a sua compreensão. A partir das décadas de 1970 e 1980 se avolumaram as discussões sobre patrimônio cultural, políticas preservacionistas, representação e identificação de uma cultura nacional. Nesse contexto, foram se delimitando as fronteiras do que representaria de fato essa tal identidade nacional e nesse contexto, emergem os intelectuais que ao produzirem e participarem ativamente de diversos movimentos construíram uma trajetória de salvaguarda.

Deixo claro o caráter provisório desse texto, pois não se trata de um texto completo e acabado, mas uma possibilidade de investigação que se propõe ao diálogo com outros trabalhos. Segundo George Marcus (1994:17), “os textos confusos (...) são

confusos porque insistem em se manterem abertos, incompletos e inseguros quanto ao modo de finalizar um texto ou uma análise. Tal abertura sempre marca uma preocupação com a ética do diálogo e do conhecimento parcial”(...) (MARCUS, 1994).

O presente capítulo tem ainda por intenção promover o debate sobre questões relacionadas ao folclore e a cultura popular à luz de uma revisão de literatura científica sob o ponto de vista das teorias que visam o entendimento de tais temáticas. No primeiro momento faço alusão a discussões anteriores, à maneira como foi criado o termo folclore e sob que alicerces veio a se edificar e se espalhar pelo mundo tal categoria, observando seus pontos altos e suas fragilidades. Num segundo momento observar os desdobramentos da busca pela institucionalização através do movimento folclórico brasileiro e seu reflexo em esferas estatais, como no caso de Sergipe.

Segundo o dicionário<sup>2</sup> a palavra popular significa pertencente ou relativo ao povo, usual entre o povo, próprio do povo, comum. No que tange as manifestações culturais o termo popular se apropria desses mesmos significados, pois são realizadas pelo povo e para o povo.

Nas ciências sociais o estudo da cultura popular ganhou mais notoriedade a partir do século XX, porém o interesse pelo tema remonta à preocupação dos chamados românticos do final do século XVIII e início do XIX. Destaque para Wilhelm e Jacob, dois alemães que, interessados em tradições populares, coletaram um número de contos junto aos camponeses e, a partir daí passaram a perceber as diferenças entre o que fazia, ou não, parte do universo da elite. Essas primeiras reflexões acabaram por fabricar uma visão pueril e inominada da cultura popular.

Os costumes de caráter popular nem sempre foram uma preocupação dos letrados, pelo menos não no início da modernidade. No aflorar do século XVIII várias transformações sociais podem ser constatadas pela historiografia e a exaltação do indivíduo, defendida pelos iluministas, foi se desenvolvendo em dicotomia com o romantismo que fazia oposição a literatura clássica. (VILHENA, 1997)

Segundo Renato Ortiz (1992), foram os românticos os responsáveis por engendrar um pensamento voltado para uma coletividade. Nesse sentido, a cultura popular serviria para pensar e explicar a unidade pátria. Obviamente que o gosto romântico, voltado para o entendimento das peculiaridades populares estava cercado por

---

<sup>2</sup> <http://www.dicionariodoaurelio.com/popular> . Acesso em 02 de abril de 2015 as 16:34.

contradições, pois nem todos os atores populares seriam objeto de interesse para os românticos, mas apenas aqueles considerados transgressores da sociedade convencional.

Talvez essa análise sobre o objeto dos românticos seja simplista, porém, existe uma certa concordância entre os estudiosos que pesquisam cultura popular de que o pensamento romântico era um tanto restrito ao delimitar seus atores. Segundo Ortiz (1992), os românticos, que outrora foram considerados como tradutores dos sentimentos mais exacerbados da sociedade, caiu em decadência enquanto gênero literário e os espaços foram sendo abertos para os folcloristas falarem sobre as crenças tradicionais do povo, aquelas que perpassam gerações e se mantêm mesmo com as transformações impostas pelo passar dos anos.

Importante observar os fatores que contribuíram para a diferenciação entre a cultura da elite e a popular. Não foi somente uma questão de ordem política, mas, sobretudo, de ordem econômica, religiosa e social. Esses fatores não devem ser analisados de forma isolada, mas como estando intrinsecamente misturados. São eles responsáveis pela diferenciação entre a cultura de elite e a cultura popular, sobretudo a partir do século XVII.

No âmbito político, a formação dos estados nacionais e a definição de uma administração hierárquica promoveram uma linha imaginária bem definida de separação entre aqueles que detinham o poder e aqueles que seriam subordinados. As delimitações de classe social, apesar de existirem desde os tempos remotos da humanidade passaram a se definir com mais clareza a partir do momento em que a modernidade passa a valorizar a vida burguesa em detrimento da cultura popular.

Ortiz (1978) aponta que as autoridades passaram a ver a aglomeração de populares como uma ameaça a seus interesses. O advento do folclore, em meados do século XIX, foi paralelo a uma época em que a racionalidade e o capitalismo moldavam o comportamento do homem. A sociedade passou a comportar multidões de anônimos preocupados com a própria individualidade. O autor Walter Benjamim retrata esse momento numa de suas obras ao falar do *flâneur*, um explorador da cidade e das massas que simboliza em grande medida a impessoalidade denotada pelas grandes transformações ocorridas nos indivíduos modernos (BENJAMIN, 1995).

Tantas eram as personalidades na era moderna que surge a necessidade de encontrar nesse todo multifacetado uma identidade que pudesse representar uma coletividade, uma nação. A partir dos questionamentos a respeito de identidade nacional

é que os estudos sobre folclore passam a ganhar espaço entre o pensamento intelectual como objeto de estudo.

Quando estudiosos de tradições populares consideraram a palavra folclore, aquela que sintetizava seus interesses conceituais, não imaginavam as controvérsias que ela produziria em diferentes debates sobre o tema. O conceito inicial não englobava explicações semânticas satisfatórias para povo, popular, cultura imaterial/material, folclore nas cidades e etc. As definições para o termo folclore e suas conseqüentes associações foram aos poucos se estreitando, ao ponto de no início do século XIX serem convergidas em um único pensamento: a palavra folclore estaria diretamente vinculada à população rural. Tal concepção negligenciou inevitavelmente outras camadas da sociedade principalmente àquelas ligadas à vida urbana.

É evidente que essa definição estaria ligada à ideia de que o homem do campo seria, em menor proporção, exposto a influências culturais de ordem estrangeira; assim, seria uma espécie de objeto autêntico que caberia bem para uma análise que viabilizasse a concepção de uma identidade nacional.

Importante mencionar que no Brasil o grande precursor de um discurso academicamente nacionalista foi Silvio Romero, no final do século XIX. Graças à sua oratória centrada na ideia de nação, na mistura de raças e de outros temas relacionados a estes assuntos é que os intelectuais passaram a tomar por preocupação o que melhor representaria a identidade do país. Assim, Silvio Romero é considerado o pai dos estudos folclóricos brasileiros.

Brandão (1995), em sua obra *A presença dos irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro*, relata que Silvio Romero teve influência direta dos escritores alemães em sua trajetória intelectual. Obviamente que o discurso de Romero encontra-se sob alicerces bastante questionáveis e superados, pois em seus escritos evidenciava a mistura das raças e a preponderância da raça branca sobre as demais, no tocante ao que as diferentes sociedades produziam em relação à cultura.

Folclore foi uma preocupação da modernidade e tenta explicar aquilo que, por essência, é tradicional. Segundo Vivian Catenacci (2001), os folcloristas não conseguiram explicar ou definir o que seria popular, por simplesmente não acompanharem o ritmo das transformações da vida moderna. Ainda segundo essa autora, o termo popular vai se reinventando em diferentes nuances e, na maioria dos casos, pouco valorizando os agentes culturais.

No Brasil, assim como na América Latina, os estudos sobre folclore acompanharam o ritmo frenético da Europa e foram importantes para fortalecer os mitos fundadores que deram legitimidade a muitas nações. O início do século XX foi marcado pela busca de uma identidade que somente seria encontrada nas formas mais simples do convívio social. Digo simples como uma forma de diferenciar a população campesina da população das grandes cidades.

Desde os escritos de Silvio Romero que a cultura popular (música, poesia, dança, contos, cordel) já era aceita pelos intelectuais como demonstrativos da identidade nacional brasileira<sup>3</sup>. Foi somente a partir dos anos de 1930 que os folcloristas tiveram notoriedade em nível nacional e, nesse momento, merece destaque a obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”, publicado em 1933, a qual revolucionou a historiografia e se valia da congruência de conhecimentos de antropologia e sociologia na medida da necessidade de interpretação dos relatos presentes na obra.

No Brasil, a ação dos folcloristas consistia na busca pelo “outro” e esse só poderia ser encontrado em populações que não estivessem vivenciando a convulsa urbanização e modernização. Essa metodologia seletiva tinha o objetivo de atingir a chamada autenticidade da cultura popular e, ao mesmo tempo, e não menos importante, a busca pela unicidade nacional. Na contramão dos estudos empreendidos pelos folcloristas estavam os sociólogos que buscavam enxergar a cultura popular sob uma ótica da modernização e das desigualdades existentes na sociedade.

É bem verdade que o “movimento folclórico” almejou uma inserção na Universidade e que isso nunca foi consolidado. O processo de institucionalização dos estudos sobre folclore foi definindo um modelo debatido por vários folcloristas, dentre eles, destaque para Édison Carneiro que ao escrever um artigo intitulado “A evolução dos estudos de folclore no Brasil” 1962, demonstra em seus escritos o propósito da mobilização intelectual em prol de ações culturais direcionadas à preservação do folclore. Esse movimento ficou conhecido como Movimento Folclórico Brasileiro (MFB), compreendido entre os anos de 1947 e 1964.

Florestan Fernandes, grande incentivador da institucionalização da sociologia como disciplina acadêmica, observou a cultura popular sob a ótica das transformações sociais. Nesse sentido o folclore foi ferrenhamente criticado por ser visto como uma prática distante da cientificidade exigida pela academia. O principal argumento dessa

---

<sup>3</sup> Cf. VAINFAS, Ronaldo, *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002, verbetes sobre folclore e Silvio Romero.

crítica seria baseado na ideia de que o folclore possui um caráter puramente descritivo e não interpretativo. Essa descrença pelo trabalho dos folcloristas não impediu que o autor Florestan Fernandes conseguisse colocar o folclore e a sociologia de forma complementar.

Florestan problematizou a atuação dos folcloristas, bem como seus métodos por conta do apego ao passado, sem pesar a multiplicidade que lhe compete. Para este autor os folcloristas seguiam métodos reconhecidamente baseados numa realidade estrangeira e isso os distanciava das reais necessidades do país. Defensores dos folcloristas como Alceu Maynard e Rossini Tavares Lima, por exemplo, queriam a credencial de autonomia para o folclore através de uma carta que proclamava o folclore toda e qualquer manifestação material ou mesmo espiritual. (GARCIA, 2001)

Os métodos de análise, abordagens e categorias explícitas em sua produção acadêmica denotam ao trabalho de Florestan um caráter racionalista. Em seus escritos sobre folclore pode ser observado o enfoque sociológico ao apontar os desníveis na definição do estatuto proposto, por alguns estudiosos, para tornar o folclore uma disciplina reconhecida academicamente. Para o autor folclore não possuía os aspectos científicos propostos pelos métodos sociológicos, por exemplo. (FERNANDES, 1978).

Em terras paulistas é que Florestan encontra terreno sólido para desenvolver um contíguo de investigações sobre folclore e sob essa mesma atmosfera proferiu estudos voltados para a interpretação dos fenômenos sociais por meio de uma abordagem sociológica. Por outro lado, os folcloristas engendram-se em vertentes de pesquisas que impulsionam a valorização das tradições populares.

Florestan é contestado através de um debate ferrenho proposto por Edson Carneiro somente quando o movimento folclórico atinge seu auge no Brasil, na segunda metade dos anos de 1950, quando é promovida a sua institucionalização por meio da criação da Comissão Nacional do Folclore, na Campanha Brasileira de Defesa do Folclore, do Ministério da Educação e Cultura, do Ministério do Exterior. (Cavalcanti & Vilhena, 1990)

Florestan expõe de maneira bastante sistemática a sua experiência e análise sociológica do folclore, através de um estudo sobre a infância. Para ele, é nesse estágio que se desenvolvem os elementos folclóricos, não pela vida social na qual as crianças estão inseridas, mas pelos elementos tidos como tradicionais, pois estes promovem a experiência social das crianças no interior dos folguedos. Nesse contexto o folclore é visto como potencialmente socializador, pois apresenta ao universo infantil os padrões

da cultura adulta. Assim, para Fernandes o folclore serve para esclarecer os estudos sociológicos. Desse modo, os enfoques sociológico e folclórico podem ser vistos como complementares. Mesmo sendo considerada uma disciplina menor, para a maioria dos acadêmicos, em relação ao campo acadêmico da História, da Antropologia e da Sociologia, o folclore exerceu importante tarefa no que se refere aos discursos sobre patrimônio cultural (GONÇALVES, 1996). É fato que as discussões nacionais sobre patrimônio cultural estão imbuídas de uma dicotomia entre o transitório e o permanente, mas o que fica mais manifesto é o soar evidente de que a cultura popular configura uma ideia de preservação da identidade de uma nação.

A unidade nacional idealizada pelos folcloristas, na visão de muitos sociólogos, não foi possível graças à segregação social e o preconceito racial entranhados na sociedade brasileira. A sociedade estaria segmentada de maneira bem distinta e por essa razão a integração nacional almejada pelos folcloristas seria tarefa impossível. Juntamente com o trabalho dos folcloristas foram colocados à margem os estudos sobre as manifestações culturais tidas como tradicionais em favor da valorização de estudos voltados para as transformações do país em virtude da modernização.

Segundo a autora Sylvia Gemignani Garcia, “os folcloristas não prestam a devida atenção à etnografia e à antropologia, negligenciando o emprego sistemático dos diversos critérios e técnicas de trabalho dessas disciplinas, comprovadamente úteis para o desenvolvimento do estudo da cultura” (GARCIA, 2001). Graças ao caráter biográfico de escritos de folcloristas muitos estudiosos não dão credibilidade a esses trabalhos de forma a serem considerados essenciais para as ciências sociais, por exemplo.

A despeito do distanciamento, em relação a matrizes acadêmicas, tal estudo perseverou através da iniciativa de vários intelectuais empenhados numa espécie de atividade missionária. O movimento folclórico, adotado por esses intelectuais, sobretudo entre 1945 e 1964, preocupava-se não apenas em legitimar o tema enquanto disciplina, mas principalmente alcançar o status de ciência social independente. (FERNANDES, 1978)

Apesar de os estudos sobre folclore terem sido negligenciados pela retórica do pensamento social brasileiro ao longo dos anos, tal fato não se deu de forma gratuita, pois existia um distanciamento entre as ciências sociais e as temáticas envolvendo folclore. Embora os folcloristas não apareçam como protagonistas nos trabalhos que tratam sobre a construção ideológica do pensamento social brasileiro, foram grandes atuantes na tentativa do resgate e preservação dos traços culturais do país.

O MFB em busca da institucionalização encontrará em terras paulistanas um campo fértil para o surgimento de propostas nesse sentido, sobretudo na década de 1920. Amadeu Amaral, por exemplo, no ano que antecedeu a Semana de Arte Moderna fundou juntamente com um amigo, Paulo Duarte, uma Sociedade de Estudos Paulistas, porém não passou de um entusiasmo. A última e também frustrada tentativa se fez através de uma proposta de Amadeu Amaral em sugerir um projeto, a Sociedade Demológica. Amaral atribui o fracasso desta ao descaso do governo e de muitos intelectuais para com a temática. (FERNANDES, 1978)

Somente com a criação do Departamento de Cultura do Município de São Paulo em 1935 e, dentro deste, o desenvolvimento da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF) dirigido por Mário de Andrade é que se dá continuidade aos anseios anteriormente ensaiados por Amadeu Amaral. O intuito desta instância do Departamento era voltado para o treinamento de folclorista para a pesquisa de campo. Essa foi uma nítida tentativa de dar maior cientificidade aos estudos de folclore. (FERNANDES, 1978)

Com a criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947 é que de fato a iniciativa de institucionalização se torna fecunda para além do Rio Janeiro, se estendendo a outros estados da Federação. A atividade da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), organizada no Ministério das Relações Exteriores para ser a emissária brasileira na UNESCO, promoveu uma série de eventos nacionais em diferentes estados de todo o país voltados para o folclore. Nesses eventos, além das discussões entre intelectuais, foi levantada a bandeira em prol da defesa das manifestações folclóricas e da instituição de um órgão governamental capaz de coordenar todas as ações e pesquisas para a preservação. (VILHENA, 1997)

A partir daí foram criadas comissões estaduais, em que a CNFL geralmente convidava um intelectual para secretário geral. Após se espalhar por diversos estados, a CNFL se empenhou em promover em 1951 o I Congresso Brasileiro de Folclore, momento aberto para os folcloristas debaterem e organizar eixos temáticos de pesquisas sobre o folclore. Em 1958, foi criada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, que significou o símbolo de uma fase auge da luta de muitos intelectuais brasileiros em favor da preservação do folclore. Isso resultou num verdadeiro engajamento de intelectuais que pensavam os estudos sobre folclore não só como um mero objeto de pesquisa, mas principalmente como um viés para a definição da identidade nacional. (VILHENA, 1997)

O movimento folclórico, adotado por muitos intelectuais, sobretudo no pós 1945 até 1964, preocupava-se não apenas em legitimar o tema enquanto disciplina, mas principalmente alcançar o status de ciência social independente. Em diferentes regiões do país, diferentes instâncias governamentais acabaram por apoiar iniciativas na área de folclore, lembrando que as Comissões Estaduais de Folclore atuavam nos Estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Santa Catarina, e em Sergipe. (VILHENA, 1997)

Porém, esse avanço em prol da institucionalização foi bruscamente freado com a mudança política instituída pelo Estado Novo. Essa reviravolta política acarretou o fim da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF), pois esta não teve apoio oficial. Outras tentativas institucionais foram feitas através, por exemplo, da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, do Instituto Brasileiro de Folclore e da Sociedade Brasileira de Folclore, porém todas se mostraram temporárias.

“Dessa e de outras maneiras, o folclore participa significativamente do debate em torno dos temas da cultura popular e da identidade nacional, que perpassa todo o período estudado. Os folcloristas são considerados pelo autor intérpretes particulares da nacionalidade, na medida em que enfatizam a dimensão cultural e popular do processo de sua formação e realçam, ainda que de modo contraditório e paradoxal, o aspecto de contínua transformação do folclore”. (VILHENA, 1997, p. 14)

Em Sergipe, os estudos sobre folclore e conseqüentemente sobre cultura popular foram se desenvolvendo quase que consoante ao que acontecia em âmbito nacional. Nomes como a professora e pesquisadora Aglaé Fontes de Alencar, a antropóloga Beatriz Góis Dantas, a pesquisadora Núbia Marques, o folclorista Braúlio Nascimento, o pesquisador e folclorista Roberto Benjamim, a professora Terezinha Oliva, o folclorista Jackson da Silva Lima, a professora Verônica Nunes, o jornalista e historiador Luís Antônio Barreto, dentre outros, com suas produções, tornaram-se referências na pesquisa folclórica em Sergipe.

Agora é chegada a hora de explorar em que circunstâncias o termo cultura popular entre em voga e passa a ser objeto de estudo de diferentes disciplinas acadêmicas. O interesse pelo tema se deveu principalmente pela mudança de paradigmas do final do século XIX e durante todo o início do XX, quando a

historiografia passa a se interessar pelos anônimos em detrimento a personagens ilustres.

Faz-se necessário tecer algumas considerações em relação às transformações ocorridas no mundo das tradições, para tanto é importante utilizar as considerações de E. P. Thompson (1998) quando ele chama atenção para o cuidado com as generalizações em relação à cultura popular. Segundo o autor, a cultura popular não deve ser vista dentro de um conceito vago de diversidade cultural. Para evitar essa interpretação é necessário investigar a cultura dentro do contexto histórico e sobretudo localizar as relações de poder e de resitência a ela relacionadas.

Thompson apresenta a cultura como dinâmica e em constante reconstrução, moldada pelas relações sociais. A sua ideia é compreender o passado levando em consideração as experiências circunscritas espacial e temporariamente dentro desse próprio passado. Não se deve tentar compreender a cultura de um grupo fazendo juízo de valor do comportamento de determinados membros desse mesmo grupo. A obra *Costumes em comum* sugere um estudo empiricista da cultura.

O texto evidencia que no século XVIII, na Inglaterra, existia uma busca pela legitimação de alguns comportamentos em relação a determinadas classes, ou seja, uma definição de padrões comportamentais. Cada classe defende e procura se beneficiar em toda e qualquer situação, o que normalmente explica os conflitos existentes entre os mais pobres e os mais abastados.

Com o advento da industrialização e o dinamismo da modernidade muitos costumes tiveram que ser readaptados à nova dinâmica social, pois o espaço e tempo requeriam tais modificações comportamentais. Frente à necessidade eminente de mudar, existia o costume, o qual, segundo Tompson (1998), se firmava como fator de resistência. A tradição é algo muito difícil de ser modificada abruptamente, porém, a modernidade traz consigo a necessidade de adaptação ao meio, criando, assim, uma atmosfera cada vez mais plural.

No Brasil as discussões sobre cultura popular ganharam corpo a partir da criação do Centro Popular de Cultura, no Rio de Janeiro, que foi resultado dos anseios de setores populares ligados a partidos políticos considerados de esquerda, sindicatos, artistas e alguns intelectuais. Graças a esse centro as discussões sobre o significado de cultura popular passou a se concentrar na ideia de um povo revolucionário, capaz de transformar o meio em que vivem. Obviamente que tais concepções seriam reflexos de discussões fora do país e de muitos anos anteriores, pois foram os europeus que ao falar

sobre folclore iniciaram o diálogo de diferenciação entre a cultura popular e a erudita (VILHENA, 1997)

Para Peter Burke (2005), o conceito de cultura popular apresenta-se de maneira controversa, pois em primeiro lugar estava relacionado a música, literatura e ciência, posteriormente englobava a ideia de assuntos ligados ao folclore, como por exemplo a medicina popular e costumes da população campesina. Atualmente, entende-se como cultura popular tudo o que estiver ao alcance do aprendizado e conhecimento ligado ao povo, às práticas do cotidiano, às danças, às crenças, o modo de fabricação de objetos, a linguagem, enfim, todo o que fosse material e simbólico e de alguma maneira representasse uma coletividade.

É importante problematizar, no âmbito das ciências sociais, a forma como a cultura popular vem sendo tratada. Para isso, recorro ao pensamento de estudiosos que se debruçam sobre essa temática. Vale ressaltar que não tenho como objetivo traçar um panorama em busca de uma forma conceitual para definição de cultura popular, mas analisá-la a partir da polissemia proposta pelos seus termos. Aqui, seguimos a sugestão teórico-metodológica de Cuche (1999) de entender que

as culturas populares revelam-se, na análise, nem inteiramente dependentes, nem inteiramente autônomas, nem pura imitação, nem pura criação. Por isso, elas confirmam que toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e importados, de invenções próprias e de empréstimos. (CUCHE, 1999, p.149)

As “invenções próprias” e os “empréstimos” segundo o autor são resultados de uma relação, muitas vezes conflituosa, com outras culturas, pois uma sociedade vive sob a égide de uma hierarquia social o que também nos faz refletir sobre a existência de uma hierarquia cultural de interdependência. Para o autor a cultura popular pode ser vista como uma cultura caracterizada pela resistência e pela contestação aos padrões impostos por outras culturas.

De acordo com Cuche (1999), apesar das ressalvas, não existe muita preocupação em pensar as culturas como dialéticas e por vezes sua análise pressupõe ver a cultura popular como subalterna em relação a outras culturas. Essa situação não se construiu de forma gratuita, pois em muitos lugares os elementos culturais são colocados em diferentes patamares, criando uma hierarquia de valorização, por

exemplo, a cultura escrita em detrimento a cultura oral, o artesanato em detrimento a manufatura. A cultura popular não é estática e assimilação de elementos pertencentes a outras lógicas culturais nada mais é que o resultado da interação e diálogo entre as várias faces sociais.

Um dos pesquisadores brasileiros que tem refletido sobre a questão da cultura popular é Renato Ortiz. Em sua obra intitulada como Românticos e folcloristas (1992), debruça-se sobre as reflexões que sugerem as origens do termo popular e sua análise propõe pensar que os intelectuais foram progressivamente lapidando o seu significado de modo a contemplar seus entendimentos sobre as tradições. Partiu do princípio de investigação de três grupos: os antiquários, os românticos e os folcloristas. Para Ortiz (1992), foram os folcloristas os mais preocupados em, notadamente, desenvolver um material que contemplasse o entendimento sobre cultura popular

Pensar cultura popular como base para compreender a identidade de uma nação num sentido homogêneo acaba por esvaziar seu sentido polissêmico e heterogêneo. Nesse ponto é imprescindível a análise proposta por Mikhail Bakhtin (1895-1975) sobre cultura popular. Para Bakhtin a heterogeneidade é uma constante na cultura popular, assim como a relação desta para com cultura hegemônica. Dessa forma, não existe possibilidades de análise de uma sem considerar a influente existência da outra.

De acordo com Bakhtin (1987), a cultura popular e a erudita não podem ser entendidas em dois pólos antagônicos, pois em determinados momentos se cruzam e seus conceitos não são fixos, pelo contrário, se ajustam e se reinventam de acordo com as transformações da humanidade. Nesse sentido um autor que também compartilha da ideia de Bakhtin é Carlo Ginzburg, pois em sua obra *O queijo e os vermes*, mais especificamente em seu prefácio, reporta sobre a comunicabilidade existente entre a cultura erudita e a cultura popular através “influências recíprocas, que se moviam de baixo para cima, bem como de cima para baixo” (GINZBURG, 2002, p. 12).

Carlo Ginzburg ainda chama atenção para o fato de o termo cultura popular não apenas se referir às práticas e comportamentos ligados a classes menos abastadas ser um entendimento estudado pela antropologia cultural que desde o empenho nos estudos sobre “cultura primitiva” permitiu a visualização da cultura em classes subalternas (GINZBURG, 2002). Em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1999), Bakhtin busca evidenciar a multiplicidade das manifestações da cultura popular através de categorias, como *as formas dos ritos e espetáculos; obras cômicas; e diversas formas e gêneros do*

*vocabulário familiar e grosseiro*.<sup>4</sup>, as quais servem de base para explicar e evidenciar uma visão de mundo diferente daquela tida como oficial, uma realidade que viria a tona através da carnavalização da vida séria dos homens do medievo.

Nesse sentido a cultura popular vista por Bakhtin possui um sentido de contestação, subversão da ordem vigente. O homem do medievo compartilhava de dois universos que de maneira alguma se confundiam, um sério e outro cômico, um intitulado como cultura oficial e outro como cultura popular. Esses universos apesar de não se confundirem coexistiam na mente das diferentes classes.

A partir do que chama de circularidade cultural faz uma observação sobre a relação entre a cultura popular e a oficial. Para ele, o riso, por exemplo, estaria fora da segunda e sua prática significava a contestação ou a subversão da ordem vigente. Outro ponto de análise se deu através da observação das festas públicas, aquelas que eram independentes da Igreja e do Estado, a exemplo do carnaval.

Bakhtin fez de Rabelais o seu porta voz para evidenciar a realidade de seu tempo, conseguiu fazer da literatura um viés para colocar em voga a cultura popular, considerada por muitos como subalterna, aquela estigmatizada pela cultura oficial. O autor também deixa subentender que a existência do que é popular muitas vezes é reforçado, pelo que é oficial, por exemplo, o riso somente tornou-se popular pela maneira como a Igreja incorporou a necessidade de um comportamento sério ao expurgar o riso dos cultos religiosos.

Segundo Bakhtin o fim da Idade Média é marcado pelo enfraquecimento das linhas imaginárias que separavam cultura oficial de cultura popular e, nesse sentido, delineava-se o que chamou de circularidade cultural. Esse autor foi capaz de perceber a existência de uma cultura diferente nos padrões, no comportamento; teve a sensibilidade de ver todo o sistema de signos, a memória e imaginário que compunha a realidade da época.

Um dos pontos do legado da obra de Bakhtin é a sua visão sobre a forma como podemos fazer a leitura de uma cultura através de alguns de seus traços, sejam eles presentes em obras literárias ou não, seja através da observação presencial ou a partir do olhar do outro. O conceito de circularidade pressupõe que, rudimentos da cultura popular venham a interagir e compor a cultura hegemônica, atendendo uma

---

<sup>4</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 4.

reciprocidade entre ambas. Nesse sentido a cultura possui regras descontínuas de transitividade e por vezes assume a contra mão, revelando-se numa relação de alternância contínua e por vezes conflituosa.

A imprecisão de suas fronteiras permite que a cultura não seja sufocada pela indústria cultural, que, por vezes, tenta impor uma homogeneização, porém seu aspecto híbrido lhe permite a resignificação de seus valores. Apesar disso, ao longo da história, vários mecanismos foram desenvolvidos a fim de eliminar elementos que não estivessem compatíveis com a ordem vigente, sejam eles ligados a religiosidade dos grupos, questões de supremacia de gênero ou mesmo formas comportamentais.

A obra de Bakhtin provoca uma reflexão sobre a forma como a cultura dominante impõe seus padrões e, mais ainda, sobre a maneira como a cultura popular encontra, dentro desses padrões, um jeito de sobreviver e expressar-se de maneira lúdica sem deixar de promover seu protesto. Além disso, estabelece confluências entre várias disciplinas o que garante a sua obra um caráter interdisciplinar

Para o historiador inglês Peter Burke é difícil encontrar uma definição para cultura popular, pois não existe uma fronteira definida entre cultura erudita e popular, mas sim pontos de intersecção. Sobre esse assunto o autor faz menção a indivíduos que mesmo sendo membros da elite participam de experiências que são restritas à membros de camadas populares (BURKE,1989). Existem “pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural” (HALL, 2003, p.254).

No conceito de cultura popular, se é que ele pode existir de forma emoldurada, caberiam muitas contendas intelectuais e, como toda temática polêmica, comportaria discursos dos mais variados. O fato é que não cabe considerar que a cultura popular não teve influência da cultura erudita ou vice versa, mas entendê-la como polissêmica é a maneira menos conflituosa de analisar a evolução de determinados termos ligados ao estudo sobre cultura.

As reflexões de Ortiz (1992), sobre cultura popular, sugerem duas vertentes, uma em que a cultura popular é mensageira de uma tradição peculiar que a distingue de outras culturas, outra vertente, considerando o termo popular como algo intrinsecamente ligado à identidade nacional, essência e autenticidade de um povo. Ao meu entender essa visão de compreender a cultura popular como identidade de uma nação acaba por negligenciar as especificidades regionais. As práticas de uma população relacionada a um estado podem não significar nada para outra população pertencente a um estado diferente.

Podemos dizer que o termo cultura popular foi batizado pela necessidade de ampliar o que o termo folclore trazia consigo. Não estou aqui negligenciando a importância dos folcloristas, pois graças a eles muitos países fortaleceram seus mitos fundadores e legitimaram-se enquanto nações. Superou-se, assim, a posição daqueles que identificavam nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas, apenas “um acúmulo desorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaborados pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes” (GINZBURG, 2002, p.16-17).

No conceito de cultura popular, se é que ele possa existir de forma emoldurada, caberiam muitas contendas intelectuais e como toda temática polêmica comportaria discursos dos mais variados. O fato é que não cabe considerar que a cultura popular não teve influência da cultura erudita ou vice versa, mas entendê-la como polissêmica é a maneira menos artilosa de analisar a evolução de determinados termos ligados ao estudo sobre cultura.

Superou-se, assim, a posição daqueles que identificavam nas ideias, crenças, visões de mundo das classes subalternas, apenas “um acúmulo desorgânico de fragmentos de ideias, crenças, visões de mundo elaboradas pelas classes dominantes provavelmente vários séculos antes” (GINZBURG, 2002, p.16-17). Podemos dizer que o termo cultura popular foi batizado pela necessidade de ampliar o que o termo folclore trazia consigo.

Os temas propostos acima, folclore e cultura popular sugere ainda uma reflexão sobre patrimônio imaterial. Seguindo o senso comum, a palavra patrimônio sugere de imediato uma reflexão relacionada a bens possuídos por um indivíduo. Podemos pensar patrimônio ainda como relacionados a bens de valor material (casa, carros, imóveis, dinheiro) ou sentimental (álbuns, roupas, cartas), por exemplo. O patrimônio que de fato nos interessa é aquele ligado a coletividade, representada por grupos distintos e de ideais conflitantes que vivem em constante interação e mutação. Assim, o chamado patrimônio cultural.

Não podemos tratar patrimônio cultural como algo que represente um todo, pois o que para um árabe pode ser patrimônio, para um ocidental pode não ter significado algum. Dessa maneira, é válido ressaltar as formas como diferentes grupos resignificaram patrimônio até chegar a ideia que temos dele hoje.

De origem latina a palavra patrimônio esteve ligada ao mundo romano em seu contexto particular, patriarcalista e aristocrático, ou seja, se referia aos bens

pertencentes aos chefes de famílias. Mais tarde, com a propagação do cristianismo, o termo foi compreendido também sob as esferas espirituais de culto a divindades e respeito à crença. Essa valorização das coisas relacionadas a religiosidade somente foi questionada com o advento do Renascimento, momento em que o prevaleceria a valorização do homem em detrimento ao teocentrismo. (FUNARI; PELEGRINI, 2009)

A Revolução Francesa e o advento da formação dos Estados Nacionais foram responsáveis pela ideia de conglomerar num mesmo espaço um grupo de pessoas que viessem a se identificar por compartilharem de uma mesma língua, costumes, origens, em fim por uma mesma cultura. A concepção de patrimônio teve em solo francês razões propícias ao seu desenvolvimento, uma vez que a Revolução francesa ao acabar com o direito divino dos reis e implantar a República trouxe a necessidade de adequação a nova ordem por parte dos cidadãos romanos. (FUNARI; PELEGRINI, 2009)

A unificação da língua, da moeda, dos costumes acabaria por modificar também a forma de pensar da sociedade francesa, criando em seu seio um sentimento de pertencimento ao território, de origem comum. O que viria depois desse processo seria a valorização daquilo que supostamente pertencia ao grupo, seus costumes, crenças e tudo mais que o caracterizasse. Dessa forma, os Estados Nacionais tiveram papel preponderante no desenvolvimento da concepção de patrimônio.

Segundo a Constituição Federal de 1988, precisamente em seus artigos 215 e 216, o entendimento sobre patrimônio cultural foi ampliado ao distinguir a existência de bens culturais de natureza material e imaterial. Entende-se como bens de natureza imaterial domínios e práticas da vida em grupo que se apresentam através dos conhecimentos, formas de expressão tradicionais, sabores, celebrações e lugares que tornam singulares os grupos que integram a sociedade de uma nação. (FUNARI; PELEGRINI, 2009)

Essa nomenclatura, apesar de fazer referência a algo recente, traz consigo significados de outras épocas. A cultura popular brasileira por ser extremamente complexa em sua diversidade necessitava de uma denominação que abarcasse toda essa carga de significações e resignificações. Assim o termo patrimônio imaterial surge justamente para abranger toda a diversidade cultural brasileira.

No Brasil o patrimônio cultural foi sendo construído a partir dos acordos sociais em relação a práticas, lugares e objetos que poderiam ser considerados como parte integrante da memória nacional. É bem verdade que nos anos de 1970 e 1980 o órgão responsável pela preservação da cultura imaterial estava sob responsabilidade da

federação, o Iphan<sup>5</sup> que, dentre outros atributos, promove a identificação em comunidades e diferentes grupos as práticas e representações que configuram sua identidade. (FUNARI; PELEGRINI, 2009) A partir dos anos 90 os contornos gerais de práticas preservacionistas sofreram profundas alterações, a começar pelas inúmeras intervenções feitas, sobretudo em cidades do Nordeste, a exemplo da Cidade de Laranjeiras que foi tombada como patrimônio histórico no ano de 1996. A partir dessa década outras variáveis tomaram a cena do processo de preservação do patrimônio, sobretudo aquelas ligadas à economia, sim, pois, muitos centros históricos passaram a ser alvos do turismo e com isso as intervenções locais não estariam restritas somente ao Iphan.

A maior parte das intervenções tem como propósito principal não somente a preservação, mas principalmente o reforço na utilização dos espaços centrais, seja com o turismo, o comércio, a valorização habitacional, o reforço das atividades culturais ou de lazer. Cada intervenção obedece a prerrogativas e intenções que são bastante peculiares em cada local e também a opções políticas.

Não há garantias de que o enquadramento de um fragmento da cultura imaterial a padrões das políticas preservacionistas venha a ter um uso com significação e aproveitamento social. Em Sergipe, os bens tombados concentram-se em sua maioria nas cidades consideradas históricas como Laranjeiras e São Cristóvão, em Estância e na capital Aracaju. Como demonstra o quadro anexo.

A Constituição reconhece a inserção do patrimônio a ser preservado pelo Estado, porém numa parceria com toda a sociedade. Os bens de natureza cultural, considerados elementos basilares e formadores da sociedade brasileira, são representados através da nomenclatura patrimônio imaterial. Esse patrimônio deve ser transmitido de geração em geração, promovendo nas comunidades a interação com a sua história. Assim podem ser criados sentimentos de identidade e respeito em relação a diversidade cultural existente na sociedade. Tornar um bem patrimônio da comunidade é muito mais que empreender políticas de salva guarda e tombamento, é, sobretudo incentivar sua valorização e preservação. (FUNARI; PELEGRINI, 2009)

---

<sup>5</sup> IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – autarquia da federação, criado em 13 de janeiro de 1937 pela Lei nº 378, no governo de Getúlio Vargas, vinculada ao Ministério da Cultura, com responsabilidade de preservar os elementos fundadores da sociedade brasileira.

## Capítulo II

### 2 - As faces do Encontro Cultural de Laranjeiras e o lugar privilegiado do Simpósio

#### 2.1 – O aparato Institucional

Ao me debruçar sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras e a tentativa de resgatar qualquer temática em relação ao mesmo, estou obrigatoriamente comprometida a pensar sobre a conjuntura social e política da época de criação desse evento, não somente em âmbito estadual, mas, sobretudo nacional. Assim, proponho nesse capítulo traçar uma história do evento, não contando os fatos de maneira sequencial ou detalhista, mas analisando o contexto de sua criação e os seus momentos cruciais, tudo, à luz do material produzido no evento e por meio do que foi observado em campo.

Obviamente que qualquer descrição sobre os bastidores do evento nos direciona a uma compreensão superficial, pois está presa a um determinado ponto de vista e isso não exclui a possibilidade de um turbilhão de outras versões. As leituras iniciais que pude fazer em relação ao evento foi que o Encontro Cultural de Laranjeiras representa a maior e mais importante expressão popular do Estado de Sergipe, aos olhos dos entrevistados. Pois bem, trataremos então de como esse evento surgiu e se edificou a ponto de ter referência magnânima em termos de cultura popular.

Para tal feito, é importante lembrar de alguns episódios da história, os quais de alguma maneira acabaram por influenciar a trajetória cultural do país. A criação de muitos festivais em Sergipe não se deu ao acaso, a maioria foi fruto de uma conjuntura que estava espalhada em quase todo o território brasileiro. A partir da década de 1970 o governo federal começou a realizar maciços investimentos em apoio a grupos de natureza folclórica. Paradoxalmente, a preservação da cultura, nos anos de ditadura militar, experimenta um saldo bastante significativo. Segundo o Professor Luis Fernando Ribeiro Soutelo, a cultura “estava sob suspeita” aos olhos do governo federal e por essa razão era necessária fiscalização intensa por meio da criação de órgãos que dessem amparo institucional a essa área.

Duas instituições são criadas para impulsionar essa política de preservação. A primeira se dá em 1973 com o Programa Integrado de Reconstrução das Cidades Históricas (PCH) que trabalhava com o intuito de explorar o potencial turístico das cidades históricas. E no ano de 1975 foi criado o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), cujo intuito foi de renovar as ideias em relação aos conceitos empregados em assuntos vinculados à cultura e à preservação de patrimônio.

Em Sergipe a criação do Conselho Estadual de Cultura, em 1967, no governo de Lourival Baptista, integraria uma proposta do governo federal em planejar ações voltadas a cultura. Em 1974, quando Bráulio do Nascimento assume a direção executiva da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, houve uma tentativa de fortalecimento do movimento folclórico.

Sob esse cenário de mudanças políticas, na Biblioteca Pública Epifânio Dória numa noite do mês de março do ano de 1976, ocorria a primeira reunião para discutir o Encontro Cultural de Laranjeiras, tanto a sua filosofia quanto os seus objetivos”. Nesta ocasião, segundo a pesquisadora Beatriz Góis Dantas, além dela estiveram presentes Bráulio do Nascimento, diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB); Luiz Antônio Barreto, assessor cultural do então governador José Rollemberg Leite e mentor do projeto de criação do evento; José Monteiro Sobral, prefeito de Laranjeiras, e; Jackson da Silva Lima folclorista sergipano e integrante da Comissão Sergipana de Folclore (CSF).

Apesar de ter discordado em relação à data escolhida pela maioria, o mês de maio, a pesquisadora Beatriz relata que se firmava “em argumentos de ordem sociocultural” para tal discordância, pois como antropóloga e pesquisadora da cidade de Laranjeiras e dos grupos folclóricos desde os anos de 1969, Beatriz Góis Dantas entendia que o evento poderia se unir ao que já existia de forte e constante na cidade, especificamente a festa de São Benedito, que era realizada no mês de janeiro.

Como fora mencionando ainda na parte introdutória do trabalho, a Festa de Santos Reis da cidade de Laranjeiras tem um vínculo bastante firme com o catolicismo, isso se explica pelo fato de ter como sede a tradicional Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito. A festa de culto aos santos, de uma maneira geral, é vista como uma renovação da Igreja Católica aos preceitos de seus fiéis a partir do medievo, quando da substituição das festas pagãs pelas litúrgicas<sup>6</sup>.

O estudo da Festa de Reis permite vislumbrar o entendimento acerca da formação do sentimento de pertencimento, seja por meio das manifestações folclóricas ou das representações simbólicas. Apesar de não ser o objeto de estudo desse trabalho é importante falar, mesmo que de maneira rasa, sobre essa festa, pois em termos culturais a Festa de Reis permeia o espaço laranjeirense desde tempos remotos, inclusive não se tem uma data específica para explicar seu surgimento na cidade. O livro da antropóloga

---

<sup>6</sup> In: Santos, Claudefranklin Monteiro. A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização / Claudefranklin Monteiro Santos. – Recife: O autor, 2013.

Beatriz Góis Dantas, *A Taieira em Sergipe* (1972), explorou a questão da diminuição da área de ocorrência de manifestações de caráter folclórico em terras sergipanas.

## **2.2- Uma pausa para Laranjeiras: Campo fértil para um festival da cultura**

A Portaria nº 19/96, de 7 de março de 1996, fez de Laranjeiras Patrimônio Histórico Estadual e Nacional. Cidade do leste do interior sergipano, que teve sua origem demarcada entre o final do século XVI e primeira metade do século XVII, está a apenas 18 Km da capital. Laranjeiras é dona de um rico acervo arquitetônico, graças à estruturas que remetem aos tempos da Colônia dos séculos XVII, XVIII e XIX, assim as igrejas e os casarios compõem o cenário bastante auspicioso que chamam a atenção pela historicidade.

Seu status cultural não se edificou de maneira gratuita, pois a cidade sempre esteve envolvida com as esferas mais importantes no desenvolvimento do estado de Sergipe, seja no âmbito da economia, da cultura ou da política, por exemplo. Ganhou o apelido de “Athenas Sergipana” após a auspiciosa visita da comitiva imperial, em 1860.

D. Pedro II desembarcou em terras sergipanas no dia 11 de janeiro e a partir dessa data até 21 do mesmo mês cumpriu uma programação na cidade de Aracaju e em algumas cidades do interior, como por exemplo, Barra dos Coqueiros, Laranjeiras, Marum, Propriá. Esteve em Laranjeiras especialmente no dia 14 ao 16 de janeiro, oportunidade que foi aclamado nas ruas da cidade através das visitas feitas no Colégio Nossa Senhora Sant'Anna (primeira escola de Sergipe), a Câmara de Vereadores, o Paço Municipal, por fim, assistiu à missa e participou de saraus e banquetes<sup>7</sup>A terra de João Ribeiro (escritor de destaque no Brasil) e Horácio Hora (grande pintor brasileiro), tal como a maioria das cidades do nordeste, sobretudo as envolvidas na produção de cana-de-açúcar, recebeu uma grande quantidade de escravos negros advindos do continente africano e essa característica lhe rendeu tradições culturais de matrizes negras<sup>8</sup>.

Antes mesmo da emancipação da cidade de Laranjeiras em 1932, o desenvolvimento da cidade se deu por meio do cultivo de cana-de-açúcar e da existência de alguns engenhos e principalmente do porto, pois era através deste que as mercadorias chegavam e saíam do estado. Juntamente com os engenhos chegaram os escravos, como

---

<sup>7</sup> In: <http://sergipetourviagens.blogspot.com.br/2013/09/cidades-historicas-de-sergipe.html>

<sup>8</sup> <http://www.mundoeducacao.com/historiadobrasil/o-negro-1.htm>

principal mão de obra, e as igrejas com suas irmandades, que servia de refúgio para os cativos e suas festas.

No ambiente das práticas religiosas deram início a várias manifestações sincréticas juntamente com cultos de natureza cristã/católica. Assim conseguimos entender a existência de vários grupos de natureza folclórica na cidade de Laranjeiras.

Segundo Luiz Antônio Barreto (1983), após a libertação dos escravos (1888) e posteriormente a Proclamação da República (1889) houve uma agitação social na cidade, pois os negros passaram a realizar seus cultos, alguns de herança Nagô, e a festa nas ruas começa a partir daí, culminando quase sempre num ritual de natureza religiosa e sincrética.

Foi necessário retomar, em partes, a história cultural da cidade para fazer um elo com o trabalho, pois por mais que o intuito primordial seja evidenciar a trajetória intelectual no Encontro, é preciso entender em que contexto esses intelectuais viram na cidade a possibilidade de promover um espaço para debater as questões relacionadas à cultura popular.

Bilina reza na igreja do São Benedito com suas Taieiras e canta os louvores ao santo preto e a Nossa Senhora do Rosário, da mesma forma como mantinha, debaixo de muitos segredos e não poucos seguidores, o culto afro do nagô. O terreiro de Alexandre enchia de umbandistas e, nas ruas, os Cacumbis, a Chegança, o reisado, a Congada, o São Gonçalo, saíam em procissão, juntos com os caboclinhos e os Lambe-sujo, alimentando a tradição da cultura popular (BARRETO, 1983)

Os limites geográficos da cidade se deveu, principalmente, pelo crescimento econômico experimentado, sobretudo no século XVIII e XIX. Esse crescimento causou relativo crescimento da área urbana, assim cada vez mais monumentos eram construídos, como reflexo do apogeu econômico da cidade.

Tanto o apogeu quanto o declínio de muitas cidades pode ser explicado pelo ciclo da cana-de-açúcar e como a cidade de laranjeiras não é diferente. Com o passar do tempo o “glamour” dos tempos áureos foi dando lugar a uma cidade de importância secundária para o estado, no sentido econômico principalmente. A transferência da

capital, em março de 1855<sup>9</sup>, de São Cristóvão para Aracaju a atenção econômica anteriormente voltada para Laranjeiras agora estaria completamente direcionada à construção da nova capital Sergipana.

A cidade foi freando seu desenvolvimento e seu valor histórico foi relegado pelas autoridades por muito tempo. Apesar de os anos de 1970 terem sido favoráveis a cultura popular de um modo geral, em Laranjeiras as intenções governamentais em prol da histórica cidade ainda não eram das melhores. A menina dos olhos estatais era São Cristóvão, antiga capital de Sergipe.

O cenário começa a mudar quando chega a Laranjeiras, na década de 1970, um jornalista cujo ideário condizia com o cenário proposto pela égide militar que evidenciava o folclore e o patrimônio histórico como ferramentas de incentivo ao turismo, seu nome, Pedro Paulo Valverde, que se tornou vice prefeito da cidade e passou a promover políticas de valorização em torno da bela Laranjeiras. No ano de 1971 Laranjeiras foi tombada pelo Governo Estadual como *Cidade Monumento*<sup>10</sup>.

O potencial da cidade logo foi percebido pelas lideranças políticas das três esferas de poder. O Governo Estadual, a Prefeitura, a UFS e a Escola Técnica se juntaram para elaborar um *Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural de Laranjeiras* (Sergipe, 1972). Como representante da Universidade, fiz parte da comissão que elaborou esse documento no qual, entre outras medidas, se sugeria a criação de um festival folclórico na época da Festa de São Benedito. A Empresa Sergipana de Turismo (EMSETUR), criada em 1972, voltou os olhos para a cidade e algumas ações passaram a ser desenvolvidas (Informação verbal)<sup>11</sup>.

A cidade é vista como um canteiro bastante fértil no âmbito do turismo e, nesse sentido, as políticas de preservação e proteção passaram a agir com mais força na

---

<sup>9</sup> SOUTELO, Luiz Fernando R. "Aracaju, a história da mudança da capital". In: <http://cidadedearacaju.com.br/destaques/aracajusoutelo.sht>

<sup>10</sup> In: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. Monumentos sergipanos: bens protegidos por lei e tombados pelos Decretos do Governo do Estado. Aracaju: Gráfica Sercore, 2006.

<sup>11</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo desta dissertação.

cidade. Apesar de toda a promessa, a cidade nunca recebeu de fato verdadeiros investimentos no setor turístico, como hotéis, restaurantes e etc. Para ser visitada o turista precisa se hospedar na capital, distante 18 Km do centro histórico de Laranjeiras. Mas o que realmente nos interessa é em meio a essas iniciativas, que o Encontro Cultural surge, tal como um evento organizado pela iniciativa pública e pensado pela intelectualidade sergipana.

A cidade teve sua vida cultural reacendida na década de 1970 por diversas ações públicas voltadas a preservação do patrimônio cultural (com mais ênfase no arquitetônico), combinadas com outras ações de incentivo ao desenvolvimento do turismo local. Em 1971, a cidade é tombada, recebendo o título de Cidade Histórica de Sergipe, em 1972 é elaborado o Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio de Laranjeiras, em 1973 é criada a Casa de Cultura João Ribeiro, em 1974 foi elaborado o Plano Urbanístico da Cidade e em 1976 são criados o Museu Afrobrasileiro de Sergipe, o primeiro Museu dedicado a essa temática no Brasil e o Encontro Cultural de Laranjeiras (PLANO MUNICIPAL DE CULTURA, 2013, p.11).

Era evidente que Laranjeiras tinha potencial para tornar-se um centro capaz de atrair turistas. Perto de Aracaju, a bela cidade do século XIX, com sobrados e muitas igrejas mal conservadas, mas de pé, era detentora de um harmonioso conjunto arquitetônico, em razão de que foi tombada como *Cidade Monumento* pelo Governo Estadual (1971). Diante dela, o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, em visita ao lugar no ano de 1972, deslumbrado, denominou-a *Museu a céu aberto*. Essa frase foi apropriada pelos laranjeirenses com muito orgulho e ganhou status de bandeira em favor da restauração da cidade<sup>12</sup>.

### **2.3 – A História fragmentada em elementos que compõe o evento**

Desde o ano de 1976, o Encontro Cultural de Laranjeiras reúne pesquisadores dos diversos lugares do país, mas, sobretudo os pesquisadores locais, para estudar e contribuir com a preservação dos traços culturais sergipanos. O evento é alvo de

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo desta dissertação.

pesquisas das mais diferentes áreas, seja História, Antropologia, Museologia ou Geografia, por exemplo.

O presente capítulo tratará de construir uma análise das edições já realizadas, sem necessariamente repetir o seu histórico, mas, sobretudo trazer os elementos que compuseram o evento, tendo como suporte teórico alguns dos materiais produzidos no Encontro ou para ele, sejam os anais, jornais, ou mesmo os dados etnográficos dessa pesquisa.

A análise das edições e, portanto a construção dessa memória do evento obedece a uma diacronia dos elementos que constitui o universo das edições passadas, num recorte de tempo dos 40 anos do evento, sem necessariamente evidenciar todas as edições de forma sistemática.

O primeiro de todos os Encontros realizou-se entre os dias 28 e 30 de maio do ano de 1976 e sua temática foi “Folclore”, nada mais atual para época do que discutir tal temática. O Encontro era um convite aos intelectuais para abandonarem, em parte, a história elitista para então dar voz ao povo, ao popular, às minúcias das festas de rua, a uma “história menor”. O Encontro Cultural nascia com o espaço da *intelligentsia*, pessoas responsáveis por configurar o movimento folclórico em Sergipe para falar do que era próprio do povo. A iniciativa de criação partiu da iniciativa Pública, tanto da esfera municipal, quanto Estadual e Federal.

Os objetivos do evento consistia em:

- \*Estudar as manifestações da cultura popular no Estado;
- \*Promover a apresentação de grupos;
- \* Proteger a organização de grupos em função dos centros regionais de folclore;
- \* Discutir as questões fundamentais da Cultura Popular;
- \* Fomentar o intercâmbio intermunicipal de grupos;
- \* Valorizar a criação popular, em todos os níveis.

Na época do primeiro Encontro Cultural o prefeito, José Monteiro Sobral, em outras palavras, declarou em forma de apelo um chamamento ao povo laranjeirense para abraçar a iniciativa em prol a preservação dos traços culturais da cidade. Lembrou que

para além de dar visibilidade a cidade, o evento vinha para preservar o que os antepassados deixaram para a cidade.

Não somente Laranjeiras participaria do evento, outras cidades também se fizeram presentes já a primeira edição, foram elas: Lagarto, Pinhão, Itabaiana, Siriri, Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, Japarutuba, Carmópolis e Riachuelo. Esse espaço para manifestações de outros lugares foi o começo de novos espaços que mais tarde seriam abertos para receber grupos de outros estados.

O resultado da primeira edição foi positiva, uma nota no Jornal de Alagoas, escrita por José Aloísio Vilela disse o seguinte:

A minha primeira impressão do I Encontro Cultural de Laranjeiras foi de uma grande surpresa. Jamais pensei de ainda encontrar no vizinho Estado uma das fontes mais puras e mais autênticas do Folclore Brasileiro. As formas tradicionais persistem de uma maneira verdadeiramente espetacular. Serviram não somente de admiração e deslumbramento para os folcloristas que lá estavam, como também de revisão e de novas conceituações em seus estudos.<sup>13</sup>

Não cabe a este trabalho discutir profundamente sobre as tradições populares, afinal falar sobre folclore é algo que exige um estudo minucioso e a diversidade de idéias defendidas por diferentes autores traz uma problemática que passa longe de nosso principal foco. Porém em se tratando do Encontro Cultural de Laranjeiras é inevitável não explicar, mesmo que superficialmente, essa temática.

Baseando-se na idéia de Cascudo (1972), o folclore se apresenta não só em danças e folguedos, como vulgarmente muitos entendem, mas em ações do passado que se repetem no transcorrer do tempo, costumeiramente falando, o saber do povo. Esse saber é praticado por uma comunidade que com seus hábitos constroem a identidade de um grupo maior. Por exemplo, o folguedo Lambe Sujo e Caboclinho praticado pelos laranjeirenses representa, em sua individualidade, parte da cultura sergipana.

---

<sup>13</sup> NASCIMENTO, Braúlio. In: Encontros Culturais de Laranjeiras. In: Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 Anos. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. p. 15.

Os fenômenos de natureza folclórica identificam-se em grande medida com a vida social da comunidade, assim se faz parte de um conjunto que ao unir seus elementos se amalgamam em uma unidade funcional. Obviamente que o entendimento das mensagens transmitidas pelos elementos do folclore somente seja possível num estudo sistematicamente baseado na semiologia, mas buscamos aqui fazer o apanhado dos elementos que constitui o evento e não um estudo minucioso de cada um deles

Nos anos que sucederam o primeiro Encontro a data do evento sofreu modificação, foi incorporado à festa de São Benedito, conhecida popularmente como a “Festa de Reis” (Dantas, 1976) da cidade de Laranjeiras, que acontece no início do mês de janeiro. Tal acontecimento significou para os grupos folclóricos de laranjeiras a possibilidade de apresentação em um evento dado como oficial e dessa maneira a sua visibilidade acabou, inevitavelmente, sendo ampliada.

A partir da terceira edição o leque de participantes oriundos de outros estados foi se ampliando cada vez mais e nesse sentido a interação e o compartilhamento de idéias e experiências, sem sombra de dúvidas, foi agregando um saldo bastante positivo para o evento como um todo. Especialmente no ano de 1988, quando evento já estava a experimentar a sua 13ª edição, teve dimensão nacional ao passo que tratou do centenário da abolição da escravatura e juntamente com esse tema central outras temáticas atraíram um número expressivo de participantes.

Do ponto de vista estrutural o Encontro não sofreu muitas modificações com o passar dos anos, pois se constituía de um simpósio em que os intelectuais apresentavam seus estudos e trabalhos realizados no âmbito da cultura popular e os grupos de natureza folclórica obedecem um esquema organizado de horários e datas estabelecidas para a realização de suas apresentações.

Cabe a Prefeitura de Laranjeiras organizar as apresentações dos grupos folclóricos, além de dar o suporte necessário para os brincantes. E essa organização se dá meses antes da realização do evento, pois é necessário observar as inscrições dos grupos folclóricos para só então promover a logística de distribuição das apresentações. Dado os grupos que irão se apresentar é feita a divisão dos dias e horários de apresentação para cada grupo.

Obviamente que existe uma certa regularidade de apresentação de alguns folguedos típicos da cidade, como é o caso das Taieiras, por exemplo, que a apresentação culmina com a coroação das rainhas na Igreja de São Benedito, assim requer um dia especialmente reservado para este grupo folclórico.

Concomitante às apresentações acontece o simpósio, organizado pela Secretaria de estado da Cultura, atualmente se dá em ambiente fechado, no auditório do Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe, mas já ocorreu em outros locais, como na praça sob a lona de um circo, câmara da cidade ou mesmo numa igreja. Desafio superado, pois atualmente a Universidade vem auxiliando o evento não somente cedendo seus espaço, mas promovendo parceria na realização de oficinas, exposições e minicursos durante a realização do evento.

Essas informações, de organização do evento, ficam visualmente possíveis graças a publicações nos jornais dos folders do evento, que intuito de divulgar a festa como um todo acabam fornecendo muita informação acerca da organização do evento. No ano de 1985, o folder do evento, publicado no Jornal Gazeta de Sergipe, no dia 04 de janeiro do mesmo ano, é possível ver com detalhes os horários e datas, bem como os grupos inscritos para a apresentação nas ruas, além de todos os palestrantes do simpósio. Sabendo que o evento engloba diferentes faces é importante mencionar cada uma das partes e sua importância na configuração do evento como um todo. Para tanto proponho a divisão da festa em três ambientes distintos: O Encontro das manifestações folclóricas nas ruas, o Encontro nos shows populares e o Encontro dos intelectuais.

#### **2.4 - “Uma festa de contexto e de significado”: duas festas e um lugar para pensar**

Primeiramente gostaria de explicar esse tópico, inicialmente grafado com palavras da Professora Aglaé, trecho que destaco entre aspas. As razões para ver no Encontro Cultural um ambiente com duas festas diferenciadas se dá pela forma como é composto os elementos e momentos do evento.

Primeiro podemos evidenciar a questão das apresentações de grupos folclóricos. É uma festa à parte, atípica e independente do “Encontro Cultural”. As apresentações já ocorriam antes do Encontro propriamente dito e pertencem a um ciclo anteriormente traçado que é a festa de Santos Reis, comuns em outras cidades do interior sergipano, sendo assim não é exclusividade de Laranjeiras, porém nessa cidade pode ser observada com maior efervescência.

Em Laranjeiras, especialmente, existem vários grupos de natureza folclórica. O primeiro grupo a ser destacado são as Taieiras, grupo com fortes vínculos religiosos,

pois faz louvação a São Benedito e a Nossa Sra. do Rosário, padroeiros dos negros no Brasil e bastantes cultuado na cidade de Laranjeiras, que tem uma Igreja em homenagem aos Santos. O vínculos com os santos evidencia o sincretismo religioso dessa manifestação, pois mesmo sendo um grupo de influência afro, mantém viva a tradição da coroação da rainha das Taieiras, momento em que é retirada a coroa da santa e colocada na cabeça da rainha. Outro elemento bastante peculiar são os instrumentos tocados pelo grupo para embalar as Taieiras pelas ruas da cidade, são os tambores e os quexerés.

O Reisado, que provavelmente chegou a Sergipe ainda no período da colônia, é uma dança que comemora o nascimento do menino Jesus, portanto sua apresentação está incluso no ciclo natalino, porém se faz presente no Encontro Cultural, pois o seu ciclo se estende até fevereiro, quando simbolicamente o boi é enterrado. Seja pertencente à Laranjeiras ou outras cidades, os grupos de reisados sempre estão presentes no Encontro.

Os Cacumbis, presentes na Procissão de Bom Jesus dos Navegantes e no Dia de Reis, fazem homenagem a São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Seu ritual de apresentação consiste em acompanhar uma missa, momento de louvor aos santos padroeiros e posteriormente saem às ruas em procissão cantando e dançando. Nesse folguedo apenas os homens podem participar. Em Sergipe, o Cacumbi é encontrado nos municípios de Riachuelo, Lagarto, Japarutuba, e Laranjeiras.

A Chegança é uma dança que representa a luta entre mouros e cristãos. A apresentação culmina na porta de Igrejas, local onde é montada uma embarcação de madeira. Os integrantes cantam e dançam ao som de pandeiro e possuem vestes de cores azul e branco.

O São Gonçalo conta a história de uma marinheiro que retira da prostituição um grande número de mulheres da prostituição, por meio da música alegre que fazia com a viola. A dança é acompanhada por violões, pulés e caixa. É composto em suas maioria por homens ligados ao campo, que se vestem de mulher, representando as prostitutas. Também fazem culto aos santos dos negros.

Os Lambe sujo e caboclinho são grupos que compõem um folguedo e contam a história de destruição dos quilombos. De um lado os lambe sujos, que são homens totalmente pintados de preto com uma mistura de tinta preta e melação de cana-de-açúcar. Após uma alvorada festiva, eles saem às ruas roubando diversos objetos de

pessoas da comunidade e a devolução dos objetos somente é feita mediante uma ajuda em dinheiro, uma quantia simbólica. Os Caboclinhos usam indumentária indígena e interagem com os lambe sujos numa brincadeira em que ocorre o rapto da rainha dos Caboclinhos pelos Lambe-Sujos, posteriormente existe uma luta simbólica pela recuperação da rainha e os Caboclinhos saem vitoriosos.

Durante a minha observação nos dias do evento, no ano de 2014, fiz questão de me aproximar de alguns grupos e conversar informalmente com os componentes para entender o sentido de eles estarem ali naquele momento. Como as manifestações folclóricas não são alvo deste trabalho não há uma preocupação em investigar a fundo à suas formas. Tive a oportunidade de conversar com integrantes do Batalhão da Cidade de Rosário do Catete

Depois de me identificar perguntei a um dos integrantes sobre o nome do grupo e de onde eram, se era integrante há muito tempo e o que motivava a permanência dele no grupo? Prontamente me respondeu que desde menino conhecia o grupo e que seu pai também já havia participado. A fala dele era recheada de um orgulho que mal cabia nas palavras que procurava para compor sua oratória. Disse ainda que ali era a sua brincadeira favorita, pois seria o meio que encontrava os amigos para cantar e dançar. Completou dizendo que gostava de se apresentar no Encontro e em outras festas porque recebia aplausos e dava entrevistas. O entrevistado era o chefe do grupo, chamado de senhor João.

Se tivéssemos tempo talvez tivesse passado toda a manhã conversando, mas era chegada a hora da apresentação e ele precisava entrar em cena, no palco de pedra da rica Laranjeiras. A mim, cabia apreciar a alegria e entusiasmo do grupo, que era composto de 120 homens e mulheres, e logo iam cair na brincadeira, mesmo em meio àquele calor de uma manhã de janeiro.

Mais tarde um outro grupo, o de reisado, fazia fileira na frente de uma das escolas municipais e me aproximei de uma integrante na tentativa de promover uma conversa. Novamente me identifiquei e a essa, que se chamava Ruth Leite, proferi perguntas semelhantes as que fiz ao Senhor João, anteriormente e esta respondeu que estava no grupo porque gostava de dançar, que seu pai não a deixou dançar na “mocidade” e que depois que casou pode dançar a vontade, completando sua fala com uma gargalhada inigualável.

Em seguida várias integrantes se aproximaram e faziam questão de que eu anotasse o nome e sobrenome e ainda a idade. Deixo aqui o nome delas como forma de lisonjear a atenção dada a mim naquele momento (Maria de Lurdes de 54 anos, Maria Leopodina de 49, Maridinete dos Santos de 50 anos e Maria Celma de Jesus de 46 anos). Percebi que para elas, estarem ali era sinônimo de superação, pois apesar de “senhoras”, ainda estavam curtindo um vigor e força nas pernas que, segundo Ruth Leite, nem toda “jovenzinha” acompanhava e que eram os “Santos Reis que dava a energia necessária”.

Uma coisa é fato, os grupos folclóricos muitas vezes nem sabem o que se fala entre as quatro paredes do simpósio, pois estão numa atmosfera completamente diferente, apesar de comporem o mesmo universo, o trato sobre cultura popular. A festa promovida nas ruas transcende qualquer descrição falada ou escrita por um intelectual. Na rua, o rigor se faz presente tal qual a formalidade da fala de quem compõe a mesa redonda do simpósio, porém de uma maneira muito mais sutil, que somente se torna perceptível pela organização das fileiras ou da roda dos brincantes ou na obediência da sequência dos passos da dança ou na sincronia da voz ou entoar os cantos que embalam o cortejo.

Segundo a antropóloga Beatriz Góis Dantas, a comunidade laranjeirense teria em seu calendário espaço reservado para seus festejos folclóricos, pelo ao menos, desde o início do século XX. Assim, posso afirmar que o Encontro Cultural veio dar maior visibilidade a uma festa que já acontecia independente de qualquer esfera.

Outro momento da festa é a apresentação de bandas que necessariamente não estejam vinculadas às descrições de cultura popular emoldurada pelos intelectuais entrevistados. Quase que sem exceção, os intelectuais entrevistados vêem a vinculação das apresentações dessas bandas ao Encontro Cultural como algo prejudicial a proposta inicial do Evento como um todo. Em seu depoimento, a professora Aglaé diz que os shows promovidos também pela prefeitura e parceiros além de custarem fortunas, desvirtua o sentido do Encontro Cultural.

A indagação da professora me fez refletir sobre o sentido de se entender cultura popular. A pesquisadora Beatriz Góis Dantas chama atenção para os elementos que foram aos poucos sendo incorporados ao Encontro e aos poucos traçando experiências diferentes daquelas dos momentos iniciais do evento.

Oficinas, cursos, exposições diversas, peças de teatro e uma miríade de outras atividades culturais constam da programação oficial, que com o passar dos anos foi ampliada com shows musicais de bandas e trios, incorporando elementos da cultura de massa (informação verbal).<sup>14</sup>

Embora já tenha discutido como categoria no capítulo anterior, penso ser necessário retomar o conhecimento acerca do que se entende por cultura popular para fundamentar a minha percepção. Sabendo que o conceito de cultura popular é extremamente controvertido, pode-se entender que sua utilização obedece a contextos e objetivos bastante diferenciados.

Para Roger Chartier (1995), por exemplo, não existe a possibilidade de definição de cultura popular pelo simples fato de não ser possível identificar a origem do que é ou não genuinamente do povo. De qualquer maneira, Chartier tenta denunciar que o conceito de cultura popular normalmente delimita e caracteriza práticas que não foram designadas pelos seus atores como cultura popular.

Chamo a atenção para observar que os entrevistados estejam, em sua maioria, ligados a um pensamento erudito e voltado para a idéia de valorização das manifestações folclóricas, presentes no evento, como as únicas representações de traços culturais do povo.

De qualquer modo, a festa promovida pela prefeitura foi incorporada ao evento em desacordo para com aqueles que organizam o simpósio. Tão perceptível que os testes de som para os shows de 2014 acabam por atrapalhar as falas dos participantes da mesa redonda e que por vezes foi necessário pedir para baixar o volume do mesmo, caso contrário seria quase impossível se concentrar em qualquer temática.

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

Essa face do Encontro Cultural desagradava a comunidade intelectual, porém agrada não só grande parte da população de Laranjeiras, como de cidades vizinhas, pois um considerável contingente de pessoas se desloca em direção à Laranjeiras no intuito de assistir aos shows musicais.

Nesse sentido penso que o Encontro Cultural seja um “mix” de eventos justapostos e independentes. Em meio a tudo o que aqui foi descrito está o simpósio, o grande responsável pela longevidade do evento.

A longevidade do Encontro Cultural se deveu, pode parecer falta até de modéstia, mas acho que se deveu ao grupo de intelectuais que resolveram levar a frente... que teve início com Núbia Marques, Luiz Antônio Barreto, Jackson da Silva Lima (...) O Simpósio é o espaço de discussão científica sobre a cultura que é do povo (...) A gente não pode negar que o Encontro permaneceu pela determinação dessas pessoas que se envolveram e defendiam-no com unhas e dentes e que essa defesa se estendeu por meio de um relacionamento fora de Sergipe com pessoas que também assumiram esse mesmo querer (informação verbal)<sup>15</sup>

Para a Professora e pesquisadora Aglaé Fontes, a cidade de Laranjeiras ganhou notoriedade, em termos do estudo sobre folclore e cultura popular, a partir do Encontro Cultural, pois através deste muitos pesquisadores traziam de fora seus conhecimentos e juntamente com os intelectuais de Sergipe promoviam discussões bastante significativas.

---

<sup>15</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

### **CAPÍTULO III**

#### **“A graça de contar”<sup>16</sup>**

#### **3.1 - O que diz o intelectual sobre a sua trajetória no Encontro Cultural de Laranjeiras**

Todo trabalho acadêmico requer do pesquisador a escolha de caminhos a trilhar, nesse sentido a escolha dos intelectuais entrevistados não foi diferente. Obviamente que em alguns casos existia a impossibilidade de entrevistar alguns personagens de demasiada importância para o Encontro Cultural, seja pela distância, pois residem em outros estados, seja por não mais estarem entre nós. De qualquer maneira me dou por satisfeita em ouvir os relatos de pessoas como a antropóloga Beatriz Góis Dantas, a professora Verônica Nunes, a escritora e folclorista Aglaé Fontes de Alencar, O professor Samuel de Albuquerque e o professor Luiz Fernando Ribeiro Soutelo.

Cada uma dessas pessoas possui a sua importância no cenário intelectual sergipano e para além das nossas fronteiras como, por exemplo, a antropóloga Beatriz Góis que, recentemente, teve o seu livro “Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil”, publicado fora do Brasil. Assim, neste capítulo pretendo expor os resultados das entrevistas, evidenciando o posicionamento individual de cada entrevistado em relação ao seu envolvimento com o evento e em seguida me posicionando em relação ao que se constitui como etnografia para a construção desta pesquisa.

Os textos a seguir foram produzidos a luz do que foi contado por cada entrevistado, apenas costurei as palavras e arrumei as ideias de maneira que entendamos as entrevistas como histórias passadas, momentos vividos. Ao abordar a antropóloga Beatriz Góis Dantas, em 09 de janeiro de 2014, quando lançava seu livro “Mensageiro do Lúdico” no Encontro Cultural e eu, com dupla intenção, entrei na fila de autógrafos com um exemplar

---

<sup>16</sup>Título do livro de Luciana Gonçalves de Carvalho, no qual trata sobre o bumba meu boi do Maranhão, que me foi útil no sentido de aproveitar o que o narrador teve a dizer e contribuir para a construção da minha pesquisa.

na mão, era a oportunidade que encontrei dentro do trabalho etnográfico. Chegada a minha vez relatei sobre a proposta do meu trabalho de mestrado e pedi a colaboração dela para a concretização do mesmo, já que ela é uma referência para ao evento. Como se fosse nesse exato momento lembro que ela parou e me olhou, dizendo em seguida que “alguém precisava fazer isso”.

Essas palavras me renderam algumas reflexões, pois os próprios intelectuais poderiam, sim, produzir um relato de suas participações, mas entendi que Beatriz se referia a alguém “de fora”, que pudesse produzir algo que contemplasse o trabalho intelectual no evento. A minha viagem no mundo das narrativas começava ali e aquele foi o combustível para o meu ponto de partida.

Me inspiro na antropologia para observar relatos das experiências individuais e fazer dessas experiências grandes fontes de conhecimento. Por mais que todas as falas estejam relacionadas a um mesmo objeto e que por muitas vezes sejam pontuais em alguns sentidos, penso que podem render múltiplas interpretações.

O narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe pô ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira (BENJAMIM, 1993)

Para completar este exórdio entendo este texto como resultado de uma experiência de mão dupla, baseado num acordo entre as partes envolvidas que se configura para além do narrar, observar, ouvir e escrever. O capítulo divide-se agora em duas partes. Na primeira apresento o resultado dos relatos orais e estes servirão de instrumento de pesquisa no qual o indivíduo, como agente social, constrói uma trajetória singular em face de um evento tão multifacetado como O Encontro Cultural de Laranjeiras. Na segunda parte trago as minhas conclusões acerca da experiência da pesquisa, desde os meus posicionamentos em relação a determinados temas até os percalços da pesquisa como um todo.

## **3.2 - Entrevistas e entrevistados: o relato das experiências individuais dos intelectuais no Encontro Cultural de Laranjeiras.**

### **3.2.1 - Beatriz Góis Dantas**

Graduada em História e Geografia pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, mestra em Antropologia Social pela Unicamp, Professora emérita da Universidade Federal de Sergipe e pesquisadora nas áreas de cultura popular, patrimônio imaterial, religiões afro-brasileiras, dentre outras. Esteve diretamente ligada ao Encontro Cultural de Laranjeiras desde os seus primórdios na década de 1970.

O Encontro Cultural ao ver da Antropóloga e pesquisadora Beatriz Góis Dantas foi pensando num momento em que a cidade de Laranjeiras vivia um “sentimento de preterição e de abandono”, pois os feitos governamentais estavam mais voltados para a cidade de São Cristóvão, como por exemplo a instalação do Museu Histórico de Sergipe, que acabou recebendo importantes peças da antiga Casa de Laranjeiras. Toda essa conjuntura colocava Laranjeiras à margem das possibilidades de se tornar uma cidade de atração turística. O que Laranjeiras tinha para ser mostrado? As estruturas antigas careciam de reparos urgentes, a cidade clamava por socorro.

(...) convivendo com diferentes segmentos da sociedade laranjeirense, ora como representante de um órgão público que procurava mapear o campo cultural com o objetivo de implementar políticas culturais, mas, sobretudo como pesquisadora que se movimentava entre as camadas populares, eu ouvia de uns e de outros lamentos ou brados de revolta pelo marasmo em que vivia a cidade, antigamente conhecida pela efervescência de sua vida cultural, razão pela qual fora cognominada *Atenas Sergipana*.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

Para a antropóloga a cidade tinha muitos atrativos e era potencialmente um campo fértil para atrair visitas turísticas. Mesmo não dispondo de hotelaria e estruturas necessárias à atividade, a cidade estava há poucos quilômetros da capital que poderia lhe dar tal aparato. Os pedidos de socorro chegaram em partes às autoridades e em 1971 a cidade foi tombada como patrimônio histórico pelo Governo do Estado. Apesar da rica arquitetura, a cidade de Laranjeiras tinha algo que a diferenciava de outras cidades do interior sergipano, o variado o folclore.

Ao lado do patrimônio de pedra e cal, havia um rico e variado folclore, centrado, sobretudo, na Festa de São Benedito, realizada em janeiro, mês de férias, promissor para o turismo. Além do mais, havia uma população carente de emprego que poderia ser encaminhada para a produção de artesanato capaz de interessar aos visitantes e gerar renda. O turismo estava, pois, no horizonte dos laranjeirenses.

Entre 1971, ano em que Laranjeiras tornou-se patrimônio histórico tombado pelo Estado, e 1976, ano do I Encontro Cultural, alguns feitos no campo da cultura devem ser lembrados, devido às repercussões que tiveram na cidade. No plano federal, o governo criou o *Programa de Integração e Reconstituição das Cidades Históricas do Nordeste* (1973), e Laranjeiras se beneficiou dos recursos que foram canalizados para a área de patrimônio arquitetônico. Contou com um Plano Urbanístico elaborado por equipe de especialistas da Universidade Federal da Bahia (1975) e, aos poucos, renovou-se o visual da cidade através das restaurações de ruas, igrejas e prédios mais significativos. (DANTAS, 2015)

Segundo a antropóloga o seu envolvimento com a cidade de Laranjeiras ultrapassava as fronteiras da criação do Encontro, pois esteve envolvida em pesquisas no ano de 1969 e em 1970 implantou o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH), vinculado a Secretaria da Educação e Cultura do Estado.

Eu vislumbrava em Laranjeiras uma imensa riqueza do ponto de vista da cultura. Embora me inquietasse com a falta de perspectiva para a população local, meu interesse maior era conhecer, estudar e documentar as expressões populares, abrangidas sob a rubrica de folclore. A isto me dediquei desde 1969, quando iniciei a pesquisa sobre a Taieira e dei continuidade com a

Chegança e a Dança de São Gonçalo, folguedos sobre os quais publiquei pequenos trabalhos. Com minha formação de antropóloga, procurava respeitar os atores sociais e seus contextos de apresentação, e defendia que as intervenções a serem feitas deveriam sê-lo com o mínimo possível de interferência externa, uma vez que a comunidade já tinha um período próprio de festejos encaixado em um calendário vigente pelo menos desde o começo do século XX.<sup>18</sup>

Não foi mencionado nenhum tipo de ligação sobre a criação do evento em Laranjeiras com as discussões que ocorriam a nível nacional relacionado a cultura popular, porém o mentor da proposta de criação do Encontro Cultural, Luiz Antônio Barreto, era assessor cultural do então governador José Rollemberg Leite, portanto, ligado a esfera governamental.

Relata que anteriormente a primeira edição do evento foi feita uma reunião a portas fechadas na Biblioteca Pública Epifânio Dória, em março de 1976, para se discutir a proposta do evento. Participaram, além de Beatriz Góis Dantas, o prefeito de Laranjeiras José Monteiro Sobral; o diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFBB), Bráulio do Nascimento; o folclorista e organizador da Comissão Sergipana de Folclore (CSF), Jackson da Silva Lima.

Para a data proposta para a realização do evento houve discordâncias, pois para Beatriz deveria obedecer a um calendário pré estabelecido na cidade em virtude da comemoração da festa de Santos Reis, festejada em janeiro, mas seus argumentos antropológicos, relacionados ao folclore local, não foram levados em consideração para tal decisão e a primeira edição ocorreu no mês de maio, data proposta e voada pela maioria dos presentes. O ano seguinte a data foi corrigida e o evento passou a ser tradicionalmente a ser no mês de janeiro.

---

<sup>18</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

(...) o ECL, promovido pelo Governo de Sergipe, Conselho Estadual de Cultura, Prefeitura de Laranjeiras, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, apoiado pela UFS e pela Comissão Sergipana de Folclore, realizado em janeiro, ganhou força e nos últimos 39 anos tem ocorrido sem interrupções, ganhando diferentes formatos e fazendo novas parcerias a cada edição.

Firmou-se e atravessou o tempo, sobreviveu à época dos grandes festivais que na década de 70 foram criados em vários estados, como foi o caso do Festival de Marechal Deodoro em Alagoas, promovido pela UFAL, e o Festival de Arte de São Cristóvão-Se (FASC), criado pela UFS (1972), que depois de somar sucessos por muitos anos, deixou de existir.<sup>19</sup>

A proposta inicial do evento centrou seus esforços em valorizar as manifestações folclóricas local, a cultura popular como centro. Nesse sentido se diferenciava do Festival de Arte de São Cristóvão, criado paralelamente ao Encontro, que tinha as artes eruditas como parte de seus objetos de interesse. Nesse aspecto Beatriz frisa que com o passar do tempo outros elementos foi incorporado ao evento, porém este conservou as suas origens e essa é uma das razões que o mantém firme durante as quarenta edições realizadas.

Não há como desvincular os feitos em Laranjeiras na década de 1970, culminando na criação do Encontro Cultural, pois a própria Beatriz evidencia que entre os anos de 1971 e 1976 o Governo Federal “criou o *Programa de Integração e Reconstituição das Cidades Históricas do Nordeste* (1973), e Laranjeiras (...) contou com um Plano Urbanístico elaborado por equipe de especialistas da Universidade Federal da Bahia (1975) e, aos poucos, renovou-se o visual da cidade através das restaurações de ruas, igrejas e prédios mais significativos”. (DANTAS, 2015)

Sobre o simpósio, parte indissociável do evento, foi dito:

---

<sup>19</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

Uma característica do Simpósio desde a primeira edição foi reunir intelectuais da terra e gente de fora para apresentar e debater um tema previamente selecionado, gerando uma troca de experiência muito enriquecedora. Esse foi o espaço privilegiado de minha participação no Encontro, seja como palestrante, debatedora ou ouvinte na plateia. (DANTAS, 2015)<sup>20</sup>

Esse trecho demonstra que a participação intelectual não está relacionada somente a participação direta nas mesas redondas, mas sobretudo na interação entre ser ouvinte, debatedor ou organizador. Beatriz relata que em algumas edições do evento, mais precisamente os do final da década de setenta e início de oitenta teve que se afastar em virtude do curso de mestrado na Unicamp (SP) e eventualmente era consultado pela comissão organizadora para fazer sugestões de palestrantes.

No ano de 2000, em virtude da ameaça de o Encontro não acontecer em decorrência de uma crise política em que o então secretário de Educação, Luiz Antônio Barreto, fora afastado de suas atividades o que culminou na dificuldade de conseguir recursos necessários para trazer convidados de fora do estado, foi realizada uma verdadeira força tarefa entre a comunidade, professores e estudantes da Universidade Federal para que o Encontro fosse contemplado em seus 25 anos de existência.

Desse modo, Aglaé Fontes Alencar, Beatriz Góis Dantas, Carlos França, Carlos Nascimento, Eufrázia Cristina Menezes Santos, Fernando Aguiar, Fernando Lins de Carvalho, Hélia Maria de Paula Barreto, Janaína Couvo Teixeira Aguiar, José Maria Silva, Lilian Monteiro França, Lúcio Meneses, Péricles Andrade, Verônica Maria Menezes Nunes entre outros fizeram palestras e debateram o tema do ano: Ritos, Mitos e Tradições, assegurando a continuidade do evento e evidenciando seu enraizamento na sociedade sergipana.

---

<sup>20</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

O Simpósio sempre foi temático e, no início, seguiu a classificação do folclore feita pelos especialistas: medicina popular, culinária, lúdica infantil, artesanato, literatura e assim por diante. Para apresentá-los e debater os assuntos, sempre se convidava alguém de fora para dar mais destaque ao evento. Ao lado desses convidados, em geral especialistas na área temática que estava sendo debatida, foi se constituindo um núcleo de palestrantes e debatedores cuja presença se tornou quase cativa: Bráulio do Nascimento, do Rio de Janeiro; Roberto Benjamim, de Pernambuco; Osvaldo Trigueiro, da Paraíba; ao lado do grupo local. Neste, além de Luiz Antônio Barreto, era presença constante na fase inicial, sobretudo, Jackson da Silva Lima e Aglaé Fontes Alencar. Tornei-me presença mais frequente a partir de meados da década de 80, do mesmo modo que Núbia Marques.<sup>21</sup>

Em se tratando da indicação de pessoas como convidadas para palestrar no evento, pode ser observado as forças de ordem política. Alguns nomes foram bastante vangloriados nessa entrevista, sobretudo o de Luiz Antônio Barreto, Jackson da Silva Lima, Aglaé Fontes e Bráulio do Nascimento, por exemplo. Este último é colocado como “elemento chave na criação do Encontro”, pois teve imensa preocupação para além das realizações, mas sobretudo no registro da memória do simpósio. É autor de uma edição muito importante, que contempla os 20 primeiros anos do Encontro Cultural e seus mais de cem especialistas presentes no decorrer das edições.

Os diferentes especialistas presentes no simpósio ao longo das edições contemplavam diferentes áreas do saber, pois “esgotada a lista de categorias folclóricas, abriu-se um leque de temas que incorporava questões mais amplas”. (DANTAS, 2015)

(...) participaram intelectuais destacados de várias partes do país, personalidades ligadas a importantes instituições universitárias, especializados em vários campos do saber, notadamente antropologia, sociologia, psicologia, comunicação social, história, geografia, etnobotânica,

---

<sup>21</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

literatura, dança, música, teatro, pintura e não apenas pessoas ligadas aos estudos de folclore, como se dizia, com certo desdém.

Na década de 90, a relação de palestrantes se ampliou com a participação de intelectuais estrangeiros provenientes de Portugal, Espanha, Itália, França, Estados Unidos, México, Argentina e Chile (Nascimento, 2005). Eram, sobretudo, intelectuais que vinham como convidados para as Jornadas Sergipanas de Estudos Medievais, patrocinadas pelo Governo de Sergipe na segunda metade dos anos 90, que também participavam do ECL, a exemplo de Manuel da Costa Fontes (EUA) e Alberto Antunes de Abreu (Portugal). (Dantas, 2015)<sup>22</sup>

Sobre os desafios a serem vencidos ao longo das edições alguns podem ser pontuados ao longo dos escritos de da antropologia, sobretudo no tocante ao financiamento do evento depender de forças de ordem política, o que acabou inviabilizando a vinda de alguns palestrantes de fora do estado. O intercâmbio dos saberes é engrandecedor do ponto de vista do conhecimento. Do ponto de vista estrutural vários foram os espaços que sediaram o simpósio, “como igrejas, câmara de vereadores, clube social, Escola Zizinha Guimarães e, afinal, no Campus da UFS”. (DANTAS, 2015)

O principal desafio é a continuidade, pois os atores responsáveis pela assídua realização do evento aos poucos estão deixando os palcos da vida e a renovação é particularmente diminuta.

Diluiu-se a participação do núcleo original de pessoas que criaram o ECL. Houve quem visse no ocorrido o fim do Encontro Cultural. Esse momento crucial foi analisado por Luciana Aguiar em trabalho aprovado pelo Conselho da Edise para publicação cujo lançamento era esperado durante as comemorações do XL Encontro. Luiz Antônio Barreto, a grande estrela desde a criação do evento, não mais apareceu na ribalta dos palanques oficiais ou nas Mesas do Simpósio. Aglaé Fontes Alencar, ativa participante da primeira edição do evento e organizadora de tantos outros durante a década de 90, na

---

<sup>22</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

condição de secretária de Cultura do Estado, como vice-presidente da Comissão Nacional de Folclore e presidente da Comissão Sergipana de Folclore, voltou a ter mais visibilidade no evento. No XXXVIII ECL, em 2013, fez a palestra de abertura do Simpósio, durante o qual se prestou homenagem à memória de Luiz Antônio Barreto, falecido no ano anterior. (informação verbal)<sup>23</sup>

O público que assistia aos simpósios era definitivamente pequeno e o interesse pelo que ocorria entre no simpósio, ao ver da antropóloga Beatriz, não interessava à maioria da população laranjeirense.

Às vezes me dava impressão que aquele evento era em Laranjeiras, mas não se destinava ao público da cidade. Cheguei a sugerir que, ao lado das discussões mais acadêmicas, se promovesse um curso ou oficina para professores, habilitando-os a trabalhar adequadamente o folclore local com seus alunos. Alguns palestrantes externos eram da mesma opinião e chegaram a se prontificar a contribuir com ações que atingisse a população local mais diretamente (informação verbal)<sup>24</sup>.

Foi graças a chegada do Campus da Universidade Federal e de maneira geral a ampliação dos cursos de nível superior que o público do simpósio pode ser renovado e ampliado. Pessoas de fora do estado, em algumas edições, chegavam em caravanas e isso engrandeceu ainda mais a importância do simpósio.

Como cidadã laranjeirense, título que recebi em 1997 com muita honra, mas, sobretudo, como pesquisadora que fez de Laranjeiras seu lócus preferencial de trabalho, sinto-me muito feliz em ver os novos tempos da cidade, com suas fábricas, seu patrimônio arquitetônico restaurado, seus grupos folclóricos atuantes e, principalmente, com um Campus da Universidade

---

<sup>23</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

<sup>24</sup> idem

Federal de Sergipe instalado na autodenominada *Capital da Cultura Popular* (informação verbal)<sup>25</sup>.

Uma das maiores preocupações não só de Beatriz Góis Dantas, mas de outros intelectuais está relacionado a preservação da memória do Encontro Cultural de Laranjeiras. Desde os registros em áudio de tudo que foi dito ao longo das edições até as publicações oriundas de debates promovidos no simpósio.

A guarda e a conservação da ampla documentação gerada ao longo dos 39 anos do ECL são preocupações que me acompanham desde muito tempo. Expressei-as em várias oportunidades, ensaiei algumas iniciativas sem sucesso e registrei isso em recente publicação que escrevi em homenagem aos brincantes populares de Laranjeiras intitulada *Mensageiros do lúdico* (2013), transcrita parcialmente a seguir com alguns acréscimos. (DANTAS,2015)

Em sua fala, faz uma indagação acerca de onde estão armazenadas as centenas de horas gravadas todos os anos. Muitos documentos precisam ser localizados e organizados de maneira a vir contribuir para a construção da memória do evento, a fim de que esse material venha a ser utilizado por pesquisadores interessados nas inúmeras temáticas exaustivamente exploradas no simpósio.

Boa parte dessa memória tem sido resgatada através da oralidade, pois se constitui em lembranças de antigos organizadores do evento, registradas por pesquisadores em obras nem sempre acessíveis ao grande público e, muito menos, aos moradores da cidade. Importante lembrar que a geração que criou e organizou os primeiros Encontros já sofreu baixas significativas, levando consigo suas experiências e recordações. As entrevistas que foram registradas com intelectuais e brincantes, e existem muitas, chegam até nós em doses homeopáticas como transcrições de partes selecionadas e destacadas pelos pesquisadores. (informação verbal)<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag).

<sup>26</sup> Idem

A conceituada antropóloga Beatriz Góis Dantas finaliza seu relato vangloriando trabalhos que foram produzidos tendo como bússola o Encontro Cultural de Laranjeiras, pois suscita a necessidade de trabalhos que venham a ser somados na luta pela preservação da memória do evento.

Evidencia nomes que foram importantes na pesquisa sobre Laranjeiras e podem ser referências para trabalhos posteriores, como por exemplo, o trabalho de Verônica Nunes intitulado *Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural: busca de elementos para integração da ação cultural*; Bráulio do Nascimento, que é autor de edições sobre retrospectiva do evento, um sobre os 20 anos do ECL e outro por ocasião 30º aniversário do evento no ano de 2005; trabalhos acadêmicos como os de José Ribeiro Filho (*Eventos públicos e privados: a elaboração de políticas culturais voltadas para a realização da festa*), Luciana Aguiar (*Celebração e estudos de folclore brasileiro: o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe)*), Aline Santos Cruz (*Notícias do Encontro Cultural de Laranjeiras nos jornais sergipanos (1976-2000)*).

Ter esse conhecimento identificado, armazenado e preservado juntamente com as falas e os relatos dos brincantes e dos mestres é a forma de se resguardar uma memória sobre as expressões culturais locais e estabelecer um *feedback* para avaliar a repercussão do que se faz em Laranjeiras, durante 40 anos, em tempos marcados pelo avanço da globalização. Nessa linha de raciocínio, a presente publicação contendo depoimentos de pessoas que participaram do ECL é uma iniciativa que merece aplausos e suscita anseios de continuidade (informação verbal)<sup>27</sup>.

### **3.2.2 - Aglaé Fontes de Alencar**

Uma das maiores pesquisadoras do folclore de Estado de Sergipe, Professora, escritora, historiadora e tantas outras determinações complementam seu vasto currículo. Foi secretária de Estado da Cultura algumas vezes e atualmente atua como presidente da Fundação Cultural da Cidade de Aracaju – FUNCAJU. É sem dúvida uma personagem chave para entender a dinâmica do Encontro Cultural de Laranjeiras.

---

<sup>27</sup> Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo desta dissertação.

O evento surgiu para valorizar uma festa que já era do povo, que era as comemorações da festa de Santos Reis e na festa de Santos Reis comemorava os reisados, lambe sujós e caboclinhos, as Taieiras, o São Gonçalo, os reisados, enfim (informação verbal)<sup>28</sup>.

A professora e pesquisadora Aglaé Fontes de Alencar inicia sua fala tratando do seu grau de envolvimento com o evento, sobretudo a forma como o processo foi iniciado. Assim, relata que no ano de 1976 foi convidada pelo Prefeitode Laranjeiras na época, José Sobral, a fazer parte de uma quermesse, momento esse que teve a oportunidade de lançar seu livro, intitulado como “Poesia para menino gostar”. Nessa ocasião lembra da presença de Núbia Marques e Luiz Antônio Barreto. Somente um ano de realização é que ela não esteve presente no evento, mas em todos os outros se fez presente.

Aglaé não considera tal quermesse como o Encontro propriamente dito e acredita “talvez fosse o DNA ou o começo do começo do que seria depois o Encontro Cultural de Laranjeiras” (ALENCAR, 2015). Assim, o Encontro viria para agregar valor ao que já existia em Laranjeiras, pois segundo a professora a cidade já era festiva independente do Encontro Cultural, graças as comemorações dos Santos Reis em janeiro de cada ano.

O primeiro foi no mês de maio, mas até por sugestão de Beatriz Góis foi que o Encontro Cultural, quer dizer, essa quermesse que se transformou em Encontro Cultural, fosse feito num período em que Laranjeiras já era festiva, que era a festa dos Santos Reis, ou seja, janeiro, aproveitando aquilo que já era um padrão cultural dentro da cultura popular dos grupos folclóricos de

---

<sup>28</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

Laranjeiras, pois eles sempre, independente de terem ou não estudos sobre eles, já faziam seus festejos nessa época (informação verbal)<sup>29</sup>

Recorda de ter palestrado sob a lona de um circo, pois a cidade não dispunha de um local para que se realizassem as palestras. Porém, os intelectuais que estiveram envolvidos com o evento em seus momentos iniciais não levaram em consideração tal falta de estrutura. O objetivo maior seria a promoção do estudo e da reflexão sobre cultura popular e nesse sentido o ambiente realizado seria apenas o pano de fundo.

Laranjeiras se tornou um espaço onde a cultura popular era estudada e também apresentada, pois nós tínhamos a riqueza maior do mundo, que eram os grupos folclóricos de Laranjeiras, Japarutuba e de outras cidades do interior do estado que também eram chamados para participar (informação verbal)<sup>30</sup>

O evento, ao ver da entrevistada, se fazia na vida dos intelectuais como um momento ímpar, pois era uma oportunidade para promover, inicialmente, um amplo debate sobre a cultura popular tanto de Laranjeiras como de outras cidades do estado. Todo o registro desses encontros está documentados nos anais publicados, documentos que contêm a fala de todos que compunha as mesas redondas do simpósio.

No simpósio eram feitas as discussões culturais, para onde as pessoas que tinham suas teses e trabalhos vinham para estudar. O simpósio culminava com as apresentações dos grupos folclóricos. A cidade toda se transformava numa grande festa da cultura popular.(...) Laranjeiras se tornou respeitada

---

<sup>29</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

<sup>30</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

fora do Estado por causa desse espaço que ela abriu para a cultura do povo (informação verbal)<sup>31</sup>.

Os palestrantes que vinham de fora nunca receberam qualquer remuneração, apenas lhes eram ofertadas passagens, hospedagem e alimentação. Para Aglaé esse espaço aberto a pesquisadores de fora fez de Laranjeiras um lugar muito respeitado em termos de cultura popular, sobretudo fora do estado.

Existe uma divisão administrativa no evento, enquanto o simpósio é mantido e desenvolvido pela Secretaria de Estado da Cultura, as outras atividades cabem a organização da prefeitura de Laranjeiras. Essa parceria sempre foi importante para garantir a infraestrutura do evento, mas simpósio é algo pensado e pela intelectualidade que se articulam das diferentes maneiras para não deixar que este venha ficar uma edição sem acontecer.

O Encontro Cultural nasceu para mostrar a cultura popular que Laranjeiras gestava, era como se fosse uma barriga prenhe de cultura, era Laranjeiras (...) o evento nasceu como uma coisa simples, voltado para as questões do povo e de seus festejos, a forma de se louvar, de cantar, de dançar... tudo isso estava envolvido no Encontro Cultural. Ele, o Encontro, envolvia o estudo e se estendia até a prática (informação verbal)<sup>32</sup>.

Sobre os desafios enfrentados por eles na realização do evento a informação de que a mudança de pessoas no governo, tanto do estado como do município de Laranjeiras provoca muitas incertezas em relação ao comprometimento do gestor para com a cultura de forma geral. “Será que pra quem chegava o Encontro tinha o mesmo significado que tinha pra nós?” Era uma pergunta recorrente segundo Aglaé Fontes de Alencar.

---

<sup>31</sup> Idem.

<sup>32</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

Mas nós tivemos uma pessoa, que não é sergipano, mas foi sergipano pela honraria, ele presidia o Instituto Nacional do Folclore. Não se pode falar no Encontro Cultural de Laranjeiras sem citar (...) o Dr. Braúlio do Nascimento. Por causa dele três trabalhos de Beatriz foram publicados em forma de folhetos, que foi sobre as taieiras, São Gonçalo e Chegança. Ele resolveu dar um apoio total do Instituto ao Encontro Cultural de Laranjeiras (informação verbal)<sup>33</sup>.

Outra coisa a ser motivo de preocupação entre os intelectuais seria a continuidade do evento, pois segundo Aglaé se passasse um ano sem realizar o evento, este não acontecia mais. Recorda que em uma das edições não havia dinheiro para trazer nenhum palestrante de fora, pois o mínimo que ofereciam aos palestrantes de outros estados era passagens, hospedagens e alimentação, e mesmo esse mínimo foi cortado do orçamento do evento. Mas a edição não deixou de acontecer e realizou-se somente com convidados sergipanos.

Eu fui Secretária de Cultura do Estado, então nesse período eu tinha certeza que eu ia continuar a fazer o simpósio, pois era responsabilidade da Secretaria. Luiz Antônio Barreto hove um período em que ele foi Secretário, mas tinha outros momentos que nem todo mundo compartilhava esse pensamento e aí ficávamos pensando como seria o ano seguinte (informação verbal)<sup>34</sup>.

Outro problema, que segundo Aglaé, foi um dos desafios vencidos, graças a chegada do Campus da Universidade Federal em Laranjeiras, seria o público ouvinte dos simpósios, pois muitas vezes grandes nomes no universo do estudo da cultura estavam numa mesa promovendo um rico debate e a platéia era composta por crianças que chegavam aos montes, trazidos por seus professores como forma de complementar suas atividades extra curriculares. Não que as crianças não sejam aptas a entender as

---

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

categorias ali apresentadas, mas se mostravam de maneira visível a falta de interesse pelo assunto ali tratado.

Sobre a apresentação de bandas, a professora Aglaé se mostrou inevitavelmente contra essas apresentações durante o Encontro Cultural de Laranjeiras. Seu argumento é que além de se pagar fortunas a essas bandas a s suas apresentações desvirtuava o sentido do Encontro Cultural.

O pior desafio sofrido pelo Encontro foi ter sido incorporado outros elementos que fugiam da proposta inicial, por exemplo, ao se colocar num palanque um grupo de reisado de Dona Lalinha, que era um dos raros grupos sergipanos que é acompanhado por cavaquinho, pois a maioria é acompanhado com sanfona (...) Então, colocar Lalinha e depois dela uma banda, faz com que as pessoas fiquem ansiosas para que ela saia logo do palco, que acabe sua apresentação simplória, pois estão esperando a banda que vem depois. Assim, essa mistura foi uma das piores integrações que foi feita junto ao Encontro Cultural de Laranjeiras (...). Outra, trouxe muita violência para Laranjeiras, pois era um outro tipo de platéia. Uma coisa é o grupo folclórico dançando na rua, o grupo folclórico no cortejo ou fazendo apresentações para as pessoas de Laranjeiras e dos visitantes que amam a festa, outra coisa é uma platéia de banda que vai por outra proposta. (informação verbal)<sup>35</sup>.

Mas sem sombra de dúvida é a falta sistemática dos registros do que acontece no simpósio. São bastante escassas as publicações dos anais, porém, os poucos que foram publicados se mostram esclarecedores ao passo que tratam de importantes discussões acerca do que foi apresentado sobre cultura popular de uma maneira geral.

Sobre a longevidade do evento a Professora pensa que:

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

Pode parecer falta de modéstia, mas acho que se deveu ao grupo de intelectuais que resolveram levar a frente o que teve início com Núbia Marques, Luiz Antônio Barreto, Jackson da Silva Lima (...). A gente não pode negar que o Encontro permaneceu pela determinação dessas pessoas que se envolveram nele o defenderam com unhas e dentes e que essa defesa se estendeu a um relacionamento fora de Sergipe, com pessoas que também assumiram esse mesmo querer (...). Mesmo quando não estávamos em cargo algum éramos defensores da cultura de Laranjeiras (informação verbal)<sup>36</sup>

Por outro lado, os grupos folclóricos da cidade viam nesses intelectuais a possibilidade de um reconhecimento dos seus feitos, pois a partir do Encontro é que muitos investimentos foram feitos em relação a cultura popular. Assim existe um respeito mútuo entre os brincantes e os intelectuais. Cada um em seu espaço, porém compartilhando dos mesmos interesses em relação a preservação da cultura popular.

Os simpósios promoveram a possibilidade de debate sobre diversas categorias, seja folclore, cultura popular ou patrimônio imaterial. Para a Professora Aglaé cultura popular é a grande mãe e a ela pertence as vertentes das tradições e até mesmo a suas modificações, pois ela não é estática e essa mobilidade trouxe uma renovação de nomenclaturas que servem como fonte de análise e pesquisas sérias.

Houve uma época que era até feio você dizer que se interessava por folclore, pois era como se dissesse que gostava de uma coisa de menor valia. Depois vem todo um arcabouço e o folclore passa a ser visto com matéria de estudo, porque ele é um fenômeno da cultura que é do povo. E aí as pessoas foram mudando um pouco essa visão de que folclore é coisa sem valor e hoje a gente encontra formas de fazer esse reconhecimento sem as vezes usar a palavra folclore. Dizemos a cultura de tradição, aí você já sabe no que é que vai dar, porque nós somos muito chegados a rejeitar as coisas e arrumar apelidos para as mesmas coisas, mas vista de outra forma (informação verbal)<sup>37</sup>

---

<sup>36</sup> idem

<sup>37</sup> Entrevista concedida por ALENCAR, Aglaé Fontes de. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (50:24 min.).

A Professora Aglaé chama atenção para a importância da salvaguarda e os avanços relacionados ao folclore brasileiro e menciona as comissões estaduais como as grandes responsáveis por diversos projetos de proteção e valorização do folclore. Aponta as pesquisas realizadas sobre primas de investigação folclórica como um método de documentar e respeitar um aspecto que é do povo.

Admite que por algum tempo a intelectualidade deixou de lado os estudos folclóricos por considerar algo de pouco valor documental, porém alguns foram mudando a forma de ver o folclore e descobrindo as infinitas possibilidades de pesquisas que podem ser realizados com base nessa temática. Destaca intelectuais que romperam esse preconceito e desenvolveram trabalhos extraordinários.

Um dos nossos grandes desbravadores foi Silvio Romero, porque é muita ousadia num tempo em que não se valorizava nada ele registrar dança, registrar cantares... (informação verbal)<sup>38</sup>.

Aglaé finaliza dizendo que os saberes do povo precisam ser melhor aproveitados e respeitados e que qualquer nomenclatura que venha fazer referência a esses saberes, ao final se encontra com a expressão que vem do povo. A intenção intelectual no encontro foi de valorizar a cultura popular, através dos debates e interações entre os envolvidos.

### **3.2.3 - Luiz Fernando Ribeiro Soutelo**

Muito conhecido somente pelo seu sobrenome “Soutelo”, é hoje uma das maiores referências intelectuais e políticas do Estado de Sergipe. Formado em Economia pela Universidade Federal de Sergipe, integrante do Conselho Estadual de Cultura e membro da câmara de Ciências e Patrimônio Histórico e Artístico. Atualmente ocupa a cadeira de Presidente do Cerimonial da Prefeitura de Aracaju-Se.

Recorda que participou da maioria dos Encontros Culturais ao longo dessas quarenta edições, seja como participante direto das mesas ou mesmo como expectador.

---

<sup>38</sup> idem

Sabe que ao logo do tempo o evento sofreu muitas transformações, porém é pontual ao relembrar dos alicerces que desde o princípio serviram de base para edificar o evento.

“Todos sabem que o Encontro se realizou alicerçado em três pontos, o primeiro foi o Estudo, que promovia a discussão em torno de um tema, previamente definido por especialistas. O segundo consistia na pesquisa, momento em que era possível se aprofundar num determinado tema a fim de conhecer melhor as especificidades do fazer cultural. E o terceiro ponto consistia na Divulgação, como uma forma plausível de garantir, em partes, a preservação dos grupos folclóricos” (informação oral)<sup>39</sup>

Para Soutelo o surgimento do Encontro Cultural de Laranjeiras se deveu a um momento político favorável. A área da Cultura estava ligada à Secretaria da Educação e Cultura e era tratada pelo Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico e Artístico (DCPHA) e o Conselho Estadual de Cultura (CEC). No ano de 1976, foi criada uma assessoria (Assessoria para Assuntos Culturais - AAC) dirigida pelo Jornalista e Acadêmico Luiz Antônio Barreto, assim o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico e Artístico é transformado em Divisão de Cultura e Patrimônio Histórico.

Art. 9º. – À Assessoria para Assuntos Culturais compete prestar assessoramento direto ao Secretário e indireto aos Órgãos da SEC e da Administração Estadual, sobre assuntos culturais que lhes sejam pertinentes, essencialmente no que se refere a:

- I. Planejamento de atividades culturais;
- II. Estudo sobre planos, programas e projetos culturais;
- III. Coordenação e controle dos meios de divulgação da Cultura
- IV. Orientação, coordenação e difusão das atividades artísticas e literárias e assistência aos respectivos órgãos responsáveis;
- V. Coordenação dos relacionamentos entre os Órgãos da SEC ligados ao setor cultural.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> Entrevista concedida por SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (32:10 min.).

<sup>40</sup> Decreto nº. 3.393, de 8 de junho de 1976.

Dentre as atribuições da AAC a principal seria a definição de um calendário de eventos que contemplasse as diferentes regiões do Estado. Dentre esses eventos estão o Encontro Cultural de Laranjeiras, o Seminário do Gado e do Couro (Lagarto), o Encontro Cultural de Estância e o Encontro Cultural de Propriá.

Cabia ainda a AAC a viabilização de obras, de caráter histórico e cultural, para pesquisadores e estudantes. Nessa oportunidade foram publicadas obras de Felisbelo Freire, João Ribeiro, Sílvio Romero, dentre outros. Além disso, essa assessoria deveria promover ações de resgate do fazer folclórico e dentre as ações foi possível a edição dos cadernos sobre a Taieira e a Chegança, de autoria de Beatriz Góis Dantas.

Apesar de não responder a algumas perguntas relacionadas a um conteúdo bastante peculiar em relação ao folclore, alegando não ser especialista no assunto, Soutelo tocou em assuntos bastante peculiares em relação ao Encontro Cultural. Sobre os desafios relata das dificuldades iniciais na realização dos simpósios, pois segundo ele a cidade não teve estrutura física para o evento e em decorrência disso algumas edições foram realizadas em locais não convencionais, como na Igreja ou sob a lona de um circo na praça.

Apesar de a cidade de Laranjeiras ter sido alvo de um Programa de Reconstrução das Cidades Históricas do Nordeste, a cidade não foi contemplada com mudanças de natureza estrutural (informação verbal)<sup>41</sup>.

A restauração tinha o intuito de promover a cidade a um ponto turístico do Estado, aproveitar o potencial arquitetônico a favor da indústria do turismo. Cabendo à Superintendência de Obras Públicas (SUDOPE) a preparação dos planos técnicos de restauração.

No que diz respeito ao evento, Soutelo afirma existir dois tipos de festa dentro do Encontro Cultural, pois aos intelectuais cabe o simpósio e todas as discussões que dele decorrer. E “o outro lado da moeda” contempla as apresentações dos grupos de natureza folclórica, suas apresentações pelas ruas, o desfile das alegorias e etc.

---

<sup>41</sup> Entrevista concedida por SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (32:10 min.).

Quanto a longevidade do evento ele pensa que existe um misto de responsabilidade tanto dos intelectuais quanto do Governo do Estado e da Prefeitura de Laranjeiras. Para os intelectuais a responsabilidade de manter de pé um dos princípios básicos do evento que é a promoção do estudo e da pesquisa sobre a cultura popular, assegurar a preservação dos grupos de natureza folclórica. Aos governos do estado e município sede do evento cabem a presteza em promover o financiamento tão necessário para sanar os gastos com evento.

Considera o evento como um grande fomentador da cultura sergipana. Além de promover uma grande interpretação do fazer folclórico, também contribuiu para chamar a atenção para a cidade de Laranjeiras, que para além do seu potencial arquitetônico possui uma riqueza imaterial imensa. Finaliza falando dos nomes que jamais poderão ser esquecidos no evento.

#### **3.2.4 - Verônica Maria Meneses Nunes**

Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal de Sergipe, Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em Memória Social e Atualmente cursando doutorado em Arqueologia pela Universidade Federal de Sergipe. É professora da Universidade Federal de Sergipe, ligada ao núcleo de Museologia. Pesquisadora na área de patrimônio histórico e patrimônio imaterial, dentre outras.

O surgimento do evento ao ver da Professora e Pesquisadora Verônica Nunes, como é conhecida, se deveu não só como repercussão do que acontecia no Brasil a fora, mas principalmente pelo empenho e idéia de Luis Antônio Barreto, que no momento de criação do evento esteve junto ao Conselho de Cultura de Sergipe, pensando na criação de um evento que promovesse não somente a preservação, mas o estudo e a documentação da realidade cultural sergipana.

Verônica Nunes relatou que com muita convicção dos pontos que foram fundamentais para as medidas de proteção a cultura local e das manifestações populares. A primeira é o trato com o estudo e documentação de tudo que estivesse relacionado ao folclore laranjeirense. Por essa época podemos encontrar, em arquivos do Instituto Nacional do Folclore, discos que falavam de algumas manifestações folclóricas, a Taira, por exemplo.

Outro ponto fundamental seria a proteção e o incentivo às manifestações folclóricas de interesse turístico. Para a Professora Verônica o sonho de que o turismo desse certo em Laranjeiras trouxe um desejo de mudança entre os laranjeirenses, mas frisa que esse incentivo não sanou as muitas dificuldades existentes, inclusive, até o presente.

O terceiro e não menos importante ponto era o caráter educacional, pois este visaria a construção de uma consciência coletiva que viesse a favorecer a defesa, o estímulo e a concretização dos fenômenos folclóricos relativos a festa, folguedos, dança, artesanato e arte.

Para a Professora Verônica esses pontos fundamentais, de uma certa maneira estiveram presentes em todas as edições do Encontro Cultural. Obviamente que sofreram modificações, pois isso é natural dos processos da vida como um todo e aos poucos foram incorporando novos elementos. Verônica ainda afirma que “o eixo do simpósio permanece e esse é o ponto básico da sustentação do Encontro Cultural” juntamente com a apresentação dos trabalhos, a divulgação como um todo.

Sobre os desafios frisa nunca ter participado diretamente dos bastidores, mas que reconhece que o principal problema a ser enfrentado é o de financiamento, pois angariar recursos para a montagem de um trabalho desse porte não é tão simples. Nesse sentido argumenta sobre a participação e iniciativa do Governo do Estado e da Prefeitura de Laranjeiras.

Um segundo desafio pontuado pela Professora Verônica é alvo de discussão de muitos pesquisadores participantes do evento, a questão da “concorrência entre aquilo que a gente chama de cultura de massa e a cultura popular, o folclore”. Nesse momento percebo que a na opinião da Professora o público não é leal para com as apresentações dos grupos folclóricos se ao mesmo tempo uma banda estiver tocando do outro lado.

No tocante ao público do evento a professora concorda com a ideia de que a chegada do Campus da Universidade Federal a Laranjeiras trouxe uma possibilidade de renovação dos conteúdos produzidos sobre a cidade, mas frisa que os próprios habitantes sempre se fizeram presentes no Encontro Cultural. Os professores do Campus Laranjeiras acabam por incentivar as pesquisas voltadas para a cidade, sobretudo para o seu aspecto Cultural. (NUNES, 2015)

Sobre as características do evento Verônica faz questão de dividir o Encontro em dois momentos para melhor compreendê-lo. O primeiro momento, bastante acadêmico, está intimamente relacionado ao Simpósio e tudo que envolve a pesquisa e as discussões sobre cultura popular. O segundo momento “trata da questão patrimonial, sobretudo do patrimônio imaterial, que não é só o da cidade, pois hoje nós já vemos grupos de outras cidades, outros estados, que se inscrevem para participar” e isso promove uma interação muito grande.

Um ponto bastante interessante lembrado pela professora foi a existência de uma legislação relacionada aos mestres de Laranjeiras. De maneira geral, a Lei Municipal nº 909/2009 de 29 de outubro de 2009, a qual institui o registro dos "Mestres dos mestres da Cultura" na cidade de Laranjeiras, pode ser entendida como um registro que dá ao mestre direito a receber um incentivo financeiro, face a sua dedicação a continuidade do repasse e preservação da tradição.

Poderão ser reconhecidos como “Mestre dos Mestres” as pessoas naturais, os grupos e as coletividades dotados de conhecimentos e técnicas de atividades culturais cuja produção, preservação e transmissão sejam consideradas, pelos órgãos indicados nesta Lei, representativas de elevado grau de maestria, constituindo importante referencial da Cultura Laranjeirense. (LEI MUNICIPAL, 909/2009, CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE LARANJEIRAS, 2009).

Sobre a participação intelectual a professora Verônica diz:

Penso que quando ele faz a sua pesquisa e chega a cada uma das mesas em que ele vai apresentar e aquele trabalho gera uma discussão, a contribuição está no papel dele ter buscado aquilo, de ele ter proporcionado ao público o conhecimento sobre aspectos da cultura. Quando ele publica, ele está preservando e divulgando... então o papel do intelectual ao longo do Encontro, ao longo dos simpósios realizados pelo Encontro, tem efetivamente dado conta desse processo (informação verbal)<sup>42</sup>.

Quando pergunto sobre como seria o Encontro sem o intelectual, ela responde que:

---

<sup>42</sup> Entrevista concedida por NUNES, Verônica Maria Meneses. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (51:46 min.).

Seria a festa, a festa pela festa, como sempre Laranjeiras teve a festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário...o seis de janeiro, seria a festa e não teria esse lado da reflexão, da produção do conhecimento (informação verbal)<sup>43</sup>.

O intelectual está para o evento como aquele responsável pela produção e repasse do conhecimento, pelo compartilhamento das ideias. Indiretamente também contribui para a preservação das manifestações folclóricas, ao passo que seus estudos suscitam no meio social a responsabilidade pela preservação das raízes do povo de um modo geral.

Falando sobre o movimento folclórico em Sergipe, a Professora Verônica relembra nomes como José Calazans, Clodomir Silva e Silvio Romero para dizer que sempre houve uma preocupação com a questão da cultura popular. Os posteriores, para ela, continuaram a alimentar os elementos fundamentais da cultura popular. Cada intelectual que se debruça sobre determinado aspecto da cultura popular está automaticamente contribuindo para a continuidade dos estudos e da pesquisa nessa área do conhecimento.

No tocante a atividade do folclorista, Verônica Nunes pensa que mesmo com todos os problemas relacionados a sua atuação enquanto alguém que distante ou não da cientificidade acadêmica conseguiu manter a força do termo folclore, por mais que hoje se faça uso de outras nomenclaturas como cultura popular ou patrimônio imaterial. Mesmo que a academia tenha, por ventura em algum momento menosprezado essa área, nos dias de hoje vem abraçar trabalhos que tratam do folclore.

Para ela um grande exemplo de que a academia dá guarida a pesquisas relacionadas ao folclore é em relação ao trabalho desenvolvido pela Professora e Antropóloga Beatriz Góis Dantas, que ao longo de sua trajetória “em momento algum deixou de pesquisar as coisas que a gente diz que são do povo”, se utilizando dos aparatos acadêmicos.

Ao final da entrevista fala sobre a própria trajetória acadêmica em relação à cidade de Laranjeiras que a fez refletir tal cidade como herdeira de uma grande tradição cultural dentro do estado, fruto de suas heranças mais remotas. Esteve à frente de

---

<sup>43</sup> Idem.

algumas exposições em Laranjeiras, momento em que se dedicava a pesquisa e lhes rendeu alguns trabalhos publicados seja por meio de artigo ou outros ou sendo orientadora de pessoas que pesquisaram sobre a cidade como um todo.

### **3.2.5 - Samuel Barros de Medeiros Albuquerque**

Foi graduado em História Licenciatura (2004) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Mestre em Educação (2007) pela mesma instituição, fez seu doutorado em História (2013) na Bahia (UFBA). Atualmente Professor da Universidade federal de Sergipe, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e membro do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe (CFC).

O envolvimento de Samuel Albuquerque com o Encontro Cultural de Laranjeiras começou no final da década de 1990, quando ainda era estudante do curso de graduação em História da UFS. Segundo ele, houve certo estímulo, emanado da instituição, para que seus graduandos viessem a participar do evento e nessa ocasião se fez participante do simpósio.

No final do segundo semestre do ano de 2014, como membro do Conselho Estadual de Cultura, se integrou à comissão organizadora do evento a pedido da Professora e Antropóloga Beatriz Góis Dantas. A quadragésima edição do evento, celebrada no ano de 2015, passou por algumas dificuldades, graças às mudanças advindas do processo eleitoral. Nesse sentido Samuel se solidarizou em ajudar na organização do evento, mais precisamente ao simpósio, que é a parte que cabe a Secretaria de Estado da Cultura.

Em um ano muito turbulento, com mudança de secretariado, tudo indicava que nós tínhamos um evento muito miúdo e contando com o mínimo de atenção das autoridades, então nós nos mobilizamos nesse sentido e a nossa principal contribuição, além de estimular a Secretaria de Cultura, de lembrá-

la da importância da efeméride, da quadragésima edição do Encontro Cultural de Laranjeiras (informação verbal)<sup>44</sup>.

O Professor Samuel se empenhou, juntamente com Beatriz Góis Dantas, na organização da produção do livro que trata do registro da memória, ou parte dela, no Encontro Cultural de Laranjeiras. O acervo particular de Beatriz Góis Dantas não foi suficiente para preencher algumas lacunas do livro e nesse sentido o IHGS, a mando do Professor Samuel, disponibilizou estagiários para a busca de documentos em outros acervos espalhados pela capital Sergipana.

Para ele quanto mais o Encontro se mantivesse distante das iniciativas estatais e conseguisse uma autonomia, no que diz respeito ao financiamento do evento, melhor seria para a sua continuidade. No tocante ao papel do intelectual evidencia dois pontos bastante salutares. O primeiro é que, no evento, cabe ao intelectual a reflexão sobre cultura popular e a apresentação dessa reflexão. O segundo ponto reside na necessidade de se pensar na sobrevivência do evento, os caminhos necessários para garantir tal sobrevivência.

No contexto de surgimento do evento, como historiador e pesquisador, Samuel evidencia que o momento favoreceu o surgimento do Encontro, tal como em várias regiões do país, porém o que diferencia o Encontro desses tantos outros são as razões pelas quais se manteve longo. A cultura popular presente no estado, especialmente na cidade de Laranjeiras, juntamente com o empenho de intelectuais “estabelecidos ou não”<sup>45</sup> foram convergentes para que o evento se consolidasse.

Para além de ser um encontro onde as pessoas se reúnem para falar sobre cultura popular, o evento, segundo o Professor Samuel, valoriza as práticas culturais ditas tradicionais e a medida que são lançadas luzes sobre essas práticas há um estímulo para a sua preservação. Graças a essa conjuntura é possível fazer com que as novas gerações

---

<sup>44</sup> Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (29:07 min.).

<sup>45</sup> Samuel de Albuquerque se utiliza dessa divisão para separar, conceitualmente, intelectuais que estão vinculados a academia daqueles que estão fora dela, os chamados outsiders.

venham a perceber a importância dessas práticas e principalmente venham a manter tais práticas.

O Encontro Cultural tem muito a dizer, principalmente no que se refere a identidade brasileira, ou seja, a formação cultural do Brasil, pois os debates que ocorreram ao longo de todas as edições, cujo resgate somente é possível por meios dos anais publicados, são reveladores no que diz respeito a cultura brasileira. É na festa dos brincantes que encontramos os elementos da cultura negra, indígena ou mesmo de origem européia, assim o Encontro agrega a mestiçagem cultural tão tipificada no cenário brasileiro como um todo.

Pensando na preservação do evento de maneira geral, ao participar de uma das mesas do simpósio, em janeiro de 2015, o Professor Samuel de Albuquerque apresentou uma proposta para a criação de um Centro de Memória do Encontro Cultural de Laranjeiras, como forma de reunir e preservar a memória em torno do Encontro Cultural seja por meio das fotografias, de cartazes, depoimentos, publicações relacionadas.

Sobre a expectativa em relação a sua participação nos próximos eventos, o Professor Samuel se mostrou preocupado com a continuidade do Encontro cultural e, ao mesmo tempo, entende que enquanto intelectual se sente em parte responsável por manter viva a tradição do simpósio na promoção de debates, tão importantes no âmbito de cultura popular.

As minhas atenções estão voltadas para o estudo das práticas cotidianas do Sergipe oitocentista, século XIX, sou historiador, não sou antropólogo (...), mas eu reconheço a importância desse evento para Sergipe, para nós que trabalhamos com história e cultura, então nesse sentido eu acho que não só “Samuel”, mas outras pessoas devem dar sua parcela de contribuição e essa é a minha maior preocupação. A geração que segurou esse evento durante essas décadas está aos poucos nos deixando, muitos deles já se foram (...). É preciso que nós tenhamos outros líderes que possam continuar dando os rumos desse evento (...). Beatriz teve a preocupação em me trazer para as discussões e para a organização do evento, mas é importante que essa catequese seja feita com outras pessoas, porque senão o evento corre risco de desaparecer, se não totalmente, em parte ficar acéfalo, sem o simpósio, que é onde se discute a cultura, onde se discute o evento. Acho importante que os

novos intelectuais sejam estimulados a tomar parte desse evento (informação verbal)<sup>46</sup>.

#### **4 – O que vi e ouvi: interpretações e conclusões possíveis no Encontro Cultural de Laranjeiras**

Este tópico tratará dos pontos fundamentais da minha pesquisa etnográfica dentro e fora do evento. Levarei em consideração os relatos dos intelectuais, mas não necessariamente concordando ou discordando de seus posicionamentos. Não esquecendo que estarei a falar de uma festa e suas múltiplas possibilidades de interpretações.

É muito comum associar a palavra festa a um momento de diversão em que as pessoas se desprendem de seu cotidiano para interagirem num espaço umas com as outras. Certamente que ao buscarmos um conceito científico para a mesma palavra, festa, haverá interpretações para além do senso comum acima citado.

O Encontro Cultural não fica longe de ser comparado, também, a um momento de desprendimento do real, do cotidiano, mas vai além dessa associação rasa quando observada a sua relação com o tempo, os seus rituais simbólicos, a sua memória e historicidade. É uma festa popular, que como todo evento popular indica o movimento coletivo, a encenação teatral do povo, a liberdade das práticas lúdicas, a mistura dos sentimentos e sensações, a representação das tradições, os ritos de passagem, seja da vida real para a festa ou vice-versa.

No caso de Laranjeiras, o Encontro Cultural ou a festa, faz íntima associação com elementos de natureza religiosa que se juntam ao profano ou se misturam a ele de tal maneira que se confundem muitas vezes. “A dualidade entre o sagrado e o profano, são intercambiáveis, o que reforça a noção de sociedade e a integração dos indivíduos”(Santos, 2013, p.94).

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (29:07 min.).

Outro ponto a ser considerado como um dos elementos mais marcantes é a transgressão. Na festa, especialmente nas ruas, as proibições sociais costumeiramente impostas aos indivíduos abrem espaço para as agitações e desvarios coletivos. “Aqui eu posso dançar, cantar bem alto e as pessoas ainda vão me aplaudir, isso eu não posso fazer em casa, senão os vizinhos me chamam de doida”, disse Ruth Leite, componente do Grupo Batalhão de Rosário do Catete.

A maneira que as pessoas encontraram de quebrar a rotina foi o festejo, seja ele de qualquer natureza e se tratando de cultura popular, existe uma interação entre vários atores sociais em prol de um objetivo comum. Os caminhos do evento, apesar de previamente estabelecidos, não são dados, mas construídos por aqueles que fazem e aqueles que usam a festa.

Do meu ponto de vista os “fazedores” da festa se dividem em três grupos, os brincantes, os intelectuais e os expectadores. Os primeiros, denominados por Beatriz Góis Dantas como “mensageiros do lúdico”<sup>47</sup> são homens e mulheres que em seus dias normais passam despercebidos em meio a trabalhadores rurais, vendedores, carpinteiros e etc. Porém, é na brincadeira<sup>48</sup> que se afloram enquanto autoridades de um grupo, pertencentes a uma hierarquia respeitada.

De fato, os mestres, em especial, se destacam e representam a multiplicidade de todo o grupo. Neles é vista a figura mais importante de todo o coletivo e nos dias do evento, especialmente em suas apresentações, eles são tomados por uma alegria difícil de descrever em palavras. São os dirigentes dos folguedos e eles sustentam a permanência do grupo, são sucedidos apenas em casos particulares de doença ou morte.

A fala dos intelectuais em relação aos brincantes me deu a entender que o intuito inicial do Encontro Cultural de Laranjeiras, para além das intenções governamentais, em âmbito regional ou federal, seria de criar um espaço em que se pudesse discutir as práticas desses brincantes, sobretudo, no sentido de criar mecanismos para que esses grupos, por ventura, não fossem esquecidos.

---

<sup>47</sup> Título do livro de autoria da antropóloga Beatriz Góis Dantas que faz referência aos mestres das manifestações folclóricas da cidade de Laranjeiras – Se.

<sup>48</sup> Termo utilizado pela antropóloga Beatriz Góis Dantas para se referir às práticas culturais sem necessariamente imprimir sentido pejorativo ou conotativo de desprestígio.

Inicialmente discordo da ideia de que a maioria dos grupos somente sobreviveram ao desgaste do tempo à modernização da vida cotidiana por conta do Encontro Cultural de Laranjeiras, porém, ao conversar com integrantes de grupos como as Taieiras, Chegança, dentre outros, ouvi, quase que com as mesmas palavras, que o evento dava a eles a visibilidade que antes não tinham.

Tratei no capítulo anterior sobre a Lei dos Mestres de Laranjeiras e eles acham que esse benefício só existe porque houve pessoas que se preocuparam com o que antes era colocado à margem, com a cultura do povo, com as práticas da miudeza.

No evento, especialmente no simpósio, existe a hierarquia entre aqueles que falam e os que ouvem até por uma questão de organização, mas ao término das falas também são cessadas as formalidades e o que representa o povo se mistura aos que representam a academia. Nem sempre o aprendizado vem de quem está voltado para a intelectualidade, pois muitas vezes um mestre de um grupo folclórico, mesmo sem saber ler e escrever, diz coisas que não estão presentes em livros, mas precisam ser entendidas e respeitadas.

A participação intelectual foi vasta durante os quarenta anos do evento, porém alguns se destacaram por fazer parte da maioria das edições. Os relatos presentes neste trabalho são pontuais em alguns momentos, sobretudo quando evidenciam a importância do Encontro para a preservação da tradição cultural não só de Laranjeiras, mas também de Sergipe. Também concordam em dizer que o evento possui repercussões em todo o país.

Nesse momento passei a refletir e pesquisar um pouco sobre essa repercussão não em âmbito nacional, mas estadual e constatei que os veículos de comunicação do Estado, em especial, os da capital sergipana, relatam o evento somente por meio de pequenas notas informativas. Constatei que falar de cultura popular não traz recompensas financeiras e, se não vende, não é divulgado.

Sobre essa repercussão nacional, dita pelos intelectuais, acredito que seja relacionada a outros pesquisadores de fora do Estado de Sergipe que se dedicam a estudar, participar ou, de alguma maneira, colaborar com o evento. O Encontro é de fato esperado, porém, somente por aqueles que se interessam por cultura popular.

Esse interesse pela temática é uma preocupação de muitos, pois existe a necessidade que novos atores se debrucem em prol da continuidade dos trabalhos feitos no simpósio do Encontro. “Aos poucos, os que mais trabalharam pelo evento estão morrendo, coisa mais natural da vida”, disse Aglaé Fontes.

Sobre os desafios de continuidade, de maneira unânime todos os entrevistados concordam em dizer que sempre foi difícil o financiamento do evento, que muitas vezes os jogos políticos atrapalham a elaboração do evento e torna cada vez mais evidente a incerteza da colaboração do Estado e município de Laranjeiras no patrocínio do Encontro Cultural.

O evento, por sua importância cultural e sua longevidade, carece de aparato legal, no sentido de criar suporte para a continuidade de suas edições e, ao mesmo tempo novos colaboradores devem ter espaço para aos poucos aprender o ofício com aqueles que passaram a vida trabalhando em prol do Encontro.

A Professora Aglaé em seu pronunciamento no dia 08 de janeiro de 2014, no simpósio do Encontro cultural, disse que os intelectuais são os mesmos todos os anos porque: “éramos os únicos que tínhamos coragem de carregar o fardo nas costas” e “sustentar o que não dá lucro”.

Apesar de toda a luta em prol do evento, algo de muito negativo acompanha a maioria das edições que é a falta de um trabalho de produção de documentação, referente ao simpósio, e as apresentações de rua no sentido geral. Não existe iniciativa, nem por parte do Governo do Estado, nem da Prefeitura de Laranjeiras em preservar de alguma maneira a memória do Encontro. Essa ausência foi salva em algumas ocasiões pela publicação de alguns anais e a maior parte da memória está presente em publicações dos próprios intelectuais ou mesmo pelos trabalhos acadêmicos que tratam de temas pontuais do evento.

Digo que hoje, o longo Encontro Cultural de Laranjeiras convive com alguns fantasmas, pois a sua continuidade se vê anualmente ameaçada por jogadas de ordem política, que comprometem diretamente a autonomia do evento. Faz-se necessária uma política preservacionista que entendesse que apesar de os fatos de natureza folclórica estarem ligados ao passado, de maneira continuada, também se ligam ao presente.

E a esse presente agrego outro elemento de grande valor em prol do evento, o público, os expectadores. A importância do simpósio não está focada somente em que esteja falando, mas, sobretudo em quem está ouvindo. A partir da renovação dessa plateia, atenta ao que seja dito nas mesas de debate, é que se renova e se reproduz o conhecimento sobre cultura do povo.

Se o intelectual deve promover sua atuação preservacionista para que as manifestações de caráter popular venham a resistir as transformações e pressões decorrentes da modernização, outras esferas devem ser condicionadas a aliar-se a esse esforço defensivo. A Professora Verônica Nunes tão bem mencionou a necessidade de se ensinar sobre as tradições, ainda quando crianças, pois os efeitos se fazem mais duradouros.

Na análise sobre o Encontro Cultural deve-se levar em consideração os seus possíveis limites, em relação às exigências que a vida moderna nos traz. Muitos não o vê como um mensageiro da cultura popular sergipana, mas como um momento de possível descontração. Ao mesmo tempo, devemos compreender os esforços da *intelligentsia* no sentido de estabelecer as suas relações de identificação com o que é do povo e o espírito de missão que acompanha seu trabalho resultando numa busca constante pela continuidade dos resultados advindos dos estudos sobre cultura popular.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.

BARROS, Marcelo. **O divino segredo da festa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo, Brasiliense, 1995 (Obras escolhidas, v.3).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política; ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, A. **A presença dos irmãos Grimm na literatura infantil e no folclore brasileiro**. São Paulo, Ibrasa, 1995.

BURKE, P. **Cultura erudita e cultura popular na Itália renascentista**, In: BURKE, P. *Varieties of history cultural*. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 177-193.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras. 1989.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Unesp, 20

CARVALHO, José Jorge de. **O olhar etnográfico e a voz subalterna**. *Horiz. antropol.*, Jul 2001, vol.7, p.107-147.

CARVALHO, Neto, Paulo de. **Folclore Sergipano**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe. 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Calendário das Festas. Informação do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, MEC, 1972.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 5. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Melhoramentos. 1979 (1954).

CAVALCANTI, M. Laura V. de C. & VILHENA, Luis Rodolfo da P. **Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, 1990.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização** / Claudefranklin Monteiro Santos. – Recife: O autor, 2013.

CLIFFORD, James. **Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

DANTAS, Beatriz Góes. **Chegança**. CADERNOS DE FOLCLORE, n.14, Rio de Janeiro, MEC –DAC-FUNARTE, 1976a.

\_\_\_\_\_. **Dança de São Gonçalo**. CADERNOS DE FOLCLORE, n.9, Rio de Janeiro, MEC –DAC-FUNARTE, 1976b.

\_\_\_\_\_. **Taieira**. CADERNOS DE FOLCLORE, n.4, Rio de Janeiro, MEC –DAC-FUNARTE, 1976c.

\_\_\_\_\_. 1974. **A Taieira de Sergipe: Pesquisa Exaustiva Sobre uma Dança Tradicional do Nordeste**. Petrópolis: Vozes. 1972.

\_\_\_\_\_. **Vovó Nagô e Papai Branco: Usos e Abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

DOMINGUES, Petrônio. **Cultura popular: as construções de um conceito na produção historiográfica**. História (São Paulo) v.30, n.2, p. 401-419, ago/dez 2011  
ISSN 1980-4369

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. 1984. **Fêtes et civilisations**, Paris, Scarabée & Compagnie, 2ème édition.

ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS. **20 Anos**. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. p. 15.

ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 20., 1995, Laranjeiras. Anais...:**Folclore e suas projeções**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 1995. 218 p.

ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 21., 1996, Laranjeiras. Anais...:**Globalização da cultura, folclore identidade regional**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 1997. 248 p.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil**. Petrópolis, Vozes. 1977.

\_\_\_\_\_. **O folclore em questão**. São Paulo, Hucitec. 1978.

\_\_\_\_\_. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. 1ª edição 1961. 2ª edição reduzida. Petrópolis, Vozes. 1979.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2.ed. 2009.

GARCIA, Sylvia Gemignani. **Folclore e sociologia em Florestan Fernandes**. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **13**(2):143-167, novembro de 2001.

GEERTZ, Clifford. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Front Cover. Editora UFRJ, 1996 - Brazil - 152 pages.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adelaine La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

MAUSS, M. 1974 [1923-24]. **Ensaio sobre a dádiva**. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo : Edusp.

MELLO E SOUZA, Marina de. **Os missionários da nacionalidade**. Rio de Janeiro: CIEC/Escola de Comunicação/UFRJ. 1991.

NASCIMENTO, Bráulio. **Os Encontros Culturais de Laranjeiras. In: Encontro Cultural de Laranjeiras**. 20 Anos. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. pp. 11-20.

NUNES, Verônica Maria Meneses. 1993. **Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural**. Busca de elementos para integração da ação cultural. 1993. Dissertação (Mestrado em Administração de Centros Culturais), Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**. São Paulo, Olho d'Água. (1992)

PEREZ, Léa Freitas. **“Antropologia das Efervescências Coletivas”**. In: PASSOS, Mauro (org.). A Festa na Vida. Petrópolis: Vozes, 2002.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social** In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 5, Nº 10, 1992.

RIBEIRO, José. **Brasil no Folclore**. Rio de Janeiro: Aurora. 1970

ROCHA, José Maria Tenório. In: Encontro Cultural de Laranjeiras. 20 Anos. Aracaju: Governo de Sergipe, s/d. pp. 227-235.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. **Monumentos sergipanos: bens protegidos por lei e tombados pelos Decretos do Governo do Estado**. Aracaju: Gráfica Sercore, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras**. São Paulo, Edusp, 2000.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum – Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964**. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

## ENTREVISTAS

Entrevista concedida por DANTAS, Beatriz Góis. [abr. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo .texto (16 pag). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no anexo desta dissertação.

Entrevista concedida por NUNES, Verônica Maria Meneses. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (51:46 min.).

Entrevista concedida por ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (29:07 min.).

Entrevista concedida por SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. [jun. 2015]. Entrevistador: Jackeline Fernandes da Cruz. Sergipe, 20015. 1 arquivo . mp3 (32:10 min.).

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Sílvio Romero, hermeneuta do Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005. Disponível em [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h5YTZHW4w\\_MC&oi=fnd&pg=PA11&dq=silvio+romero+e+folclore&ots=hqg8JDz-Tq&sig=pVPfYiNyPeOwfWsI7NGP55MhzEw#v=onepage&q=silvio%20romero%20e%20folclore&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h5YTZHW4w_MC&oi=fnd&pg=PA11&dq=silvio+romero+e+folclore&ots=hqg8JDz-Tq&sig=pVPfYiNyPeOwfWsI7NGP55MhzEw#v=onepage&q=silvio%20romero%20e%20folclore&f=false) . Acesso em 21.02.2015

BARRETO, Luiz Antônio. **35 anos de um Encontro Cultural**. Disponível em: <<http://www.infonet.com.br/luisantonioabarreto/ler.asp?id=107703&ti.>>. Acesso em: 20 ago. 2014.  
file:///C:/Users/Convidado/Downloads/constituicao\_federal\_35ed.pdf

CATENACCI, Vivian. **Cultura Popular: entre a tradição e a transformação**. São Paulo **Perspec**. São Paulo , v. 15, n. 2, p. 28-35, abr. 2001 . Disponível em

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 27 abr. 2015.  
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000200005>.

## APÊNDICE

### 1 - Roteiro de entrevista

Mestranda: Jackeline Fernandes da Cruz

Instituição: Universidade Federal de Sergipe

Curso: Mestrado em Antropologia

Tema: Etnografia do pensamento intelectual no Encontro Cultural de Laranjeiras – Se

Orientador: Ulisses Neves Rafael – NPPA - UFS

### Dados do Entrevistado

Nome:

Local de Nascimento:

Grau de Instrução:

Profissão:

Vínculo Institucional:

### Questões sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras

- 1 Qual o seu grau de envolvimento com o evento ou temas relacionados a ele? (data do início, histórico e atividades relacionadas)?
- 2 Qual a explicação para o surgimento desse evento em Sergipe?
- 3 A sua origem está relacionada com algum outro evento de acontecimento em nível nacional?

- 4 Se acompanhou os primeiros eventos quais os principais desafios a serem vencidos naquele momento?
- 5 Quais as características do evento? (descrição de sua estrutura)
- 6 Qual a importância desse evento para a consolidação das práticas consideradas tradicionais para o estado?
- 7 Como o movimento do reforço e incentivo das expressões culturais locais se colocam diante de movimentos nacionais de natureza sociocultural?
- 8 Como observar ou não o papel do Estado e Prefeitura de Laranjeiras na promoção desse evento?
- 9 Qual o papel dos intelectuais na organização e manutenção do evento?
- 10 A que se deve a longevidade do Encontro Cultural, em detrimento de outros festivais de natureza socioculturais, dentro e fora do estado a exemplo do festival de São Cristóvão?
- 11 Pode-se falar em movimento folclórico em Sergipe: Se sim, qual os seus principais expoentes?
- 12 Como podemos identificar as fronteiras que demarcaram ao longo do tempo as categorias utilizadas para classificar folclore, cultura popular ou patrimônio imaterial, interfaces na modernidade?
- 13 Na sua opinião a que se deve o desprezo da intelectualidade ou grande parte dela para com as manifestações folclóricas? Se o desprezo não existe, a utilização do termo folclore continua sendo utilizada sem prejuízo da atividade que está sendo assim classificada?
- 14 Quais os nomes que não devem nunca ser esquecidos num trabalho de etnografia do pensamento intelectual sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras?

Aracaju, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015

## ANEXOS

### 1 - Bens tombados no Estado de Sergipe

<b>Município</b>	<b>Monumento ou obra</b>	<b>Esfera de tombamento</b>	<b>Uso atual</b>	<b>Ano do tombamento</b>
<u>Aracaju</u>	<u>Cemitério dos Naufrágos</u>	Estadual	Cemitério	1973
<u>Aracaju</u>	<u>Palmeiras Imperiais das Praças Fausto Cardoso e Olímpio Campos</u>	Estadual		1979
<u>Aracaju</u>	<u>Centro de Turismo - Antiga Escola Normal</u>	Estadual		1984
<u>Aracaju</u>	<u>Palácio Olímpio Campos</u>	Estadual		1985
<u>Aracaju</u>	<u>Catedral Metropolitana</u>	Estadual		1985
<u>Aracaju</u>	Sede da <u>Secretaria de Estado de Segurança Pública</u>	Estadual		1985
<u>Aracaju</u>	Sede do <u>Juizado de Menores</u>	Estadual		1985
<u>Aracaju</u>	<u>Carrocel do Tobias</u>	Estadual		1987

<u>Aracaju</u>	<u>Palácio Fausto Cardoso</u>	Estadual		1987
<u>Aracaju</u>	Imóveis na Avenida Otoniel Dória n.ºs. 500, 506, 511, 520, 524 e 594	Estadual		1987
<u>Aracaju</u>	Painéis e Murais do Artista <u>Jenner</u> <u>Augustoem Aracaju</u>	Estadual		1988
<u>Aracaju</u>	Antigo <u>Tribunal de</u> <u>Justiça</u>	Estadual		1988
<u>Aracaju</u>	Imóvel à Av. <u>Ivo do</u> <u>Prado</u> n.º. 1072	Estadual		1989
<u>Aracaju</u>	<u>Arquivo Público</u> <u>Estadual</u>	Estadual		1991
<u>Aracaju</u>	Antigo <u>Tesouro do</u> <u>Estado</u>	Estadual		1991
<u>Aracaju</u>	Antigo <u>Farol</u>	Estadual		1995
<u>Aracaju</u>	<u>Delegacia do Ministério</u> <u>da Fazenda</u>	Estadual		1996
<u>Aracaju</u>	<u>Palácio Inácio Barbosa</u>	Estadual		1997

<u>Aracaju</u>	<u>Quartel Central da Polícia Militar do Estado de Sergipe</u>	Estadual		2000
<u>Aracaju</u>	<u>Acervo do Artista Horácio Hora</u>	Estadual		2000
<u>Aracaju</u>	<u>Colégio Nossa Senhora de Lurdes</u>	Estadual		2002
<u>Aracaju</u>	<u>Antiga Alfândega</u>	Estadual		2003
<u>Aracaju</u>	<u>Estação Rodoviária Governador Luiz Garcia</u>	Estadual		2003
<u>Aracaju</u>	Imóvel à Praça Camerino nº. 225 - Sede da <u>Superintendência do IPHAN em Sergipe</u>	Estadual		2003
<u>Aracaju</u>	<u>Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe</u>	Estadual		2007
<u>Aracaju</u>	<u>Instituto Parreiras Hortas</u>	Estadual		2008
<u>Aracaju</u>	<u>Todo trecho do Rio Sergipe entre Aracaju e Barra dos Coqueiros</u>	Estadual	Paisagem Natural Notável	1990

<u>Aracaju</u>	<u>Igreja de São Salvador</u>	Estadual	Igreja	2013
<u>Aracaju</u>	<u>Estação Ferroviária de Aracaju e sua rotunda, antigos galpões e caixa d'água</u>	Federal	Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário	2011
<u>Boquim</u>	<u>Estação Ferroviária de Boquim e sua caixa d'água, casa do agente e casa do maquinista</u>	Federal	Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário	2011
<u>Brejo Grande</u>	<u>Canoa de Tolda Lusitânia</u>	Federal	embarcação tradicional	2008
<u>Carmópolis</u>	<u>Igreja de Nossa Senhora de Santana do Massacará</u>	Estadual	Igreja	1994
<u>Cristinápolis</u>	<u>Fonte dos Caboclos</u>	Estadual		1997
<u>Divina Pastora</u>	<u>Igreja Matriz de Divina Pastora</u>	Federal	Igreja	<u>1943</u>
<u>Divina Pastora</u>	Modo de fazer da <u>Renda Irlandesa</u>	Federal	Patrimônio Imaterial	<u>2009</u>
<u>Estância (Sergipe)</u>	<u>Sobrado na Praça Barão do Rio Branco</u>	Federal		<u>1967</u>

<u>Estância</u> (Sergipe)	<u>Obras de talha de madeira da Igreja do Rosário</u>	Estadual		1981
<u>Estância</u> (Sergipe)	<u>Conjunto de Casas e Sobrados com Fachadas Revestidas por Azulejos Portugueses</u>	Estadual	Residencial e Comércios	1997
<u>Estância</u> (Sergipe)	<u>Instituto Nacional de Seguridade Social</u>	Estadual	Institucional	1997
<u>Estância</u> (Sergipe)	<u>Sobrado na Rua Capitão Salomão n°. 162</u>	Estadual		1997
<u>Estância</u> (Sergipe)	<u>Painel de Horácio Hora no Hospital Amparo de Maria</u>	Estadual		2000
<u>Itabaianinha</u>	<u>Casa Revestida por Antigos Azulejos Ingleses</u>	Estadual		1987
<u>Itabaianinha</u>	<u>Imóvel à Praça Olímpio Campos n° 176</u>	Estadual		1987
<u>Itaporanga d'Ajuda</u>	<u>Casa Grande e Capela do Antigo Engenho Colégio</u>	Federal	Fazenda	<u>1943</u>

<u>Lagarto</u>	Imóvel à <u>Praça Manoel Emílio de Carvalho</u>	Estadual		<u>1995</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico</u>	Federal	Cidade Histórica	<u>1996</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Conjunto Arquitetônico</u>	Estadual	Cidade Histórica	<u>1971</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus</u>	Federal	Igreja	<u>1943</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Igreja da Comandaroba</u>	Federal	Igreja	<u>1943</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Casa Grande e Capela de Santo Antônio do Antigo Engenho Retiro</u>	Federal		<u>1943</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Capela do Antigo Engenho Jesus, Maria e José</u>	Federal	Abandonado	<u>1943</u>
<u>Laranjeiras</u>	<u>Terreiro Filhos de Obá</u>	Estadual	Terreiro	1988
<u>Laranjeiras</u>	<u>Gruta da Pedra Furada no povoado Machado</u>	Estadual		1990

<u>Maruim</u>	<u>Igreja de Nosso Senhor dos Passos</u>	Estadual	Igreja	1981
<u>Neópolis</u>	<u>Igreja do Rosário</u>	Estadual		1981
<u>Neópolis</u>	<u>Forum Municipal</u>	Estadual		
<u>Nossa Senhora do Socorro</u>	<u>Igreja Matriz de Nossa Senhora do Socorro</u>	Federal	Igreja	<u>1943</u>
<u>Poço Redondo</u>	<u>Grota do Angico</u>	Estadual		1989
<u>Porto da Folha</u>	<u>Igreja de São Pedro</u>	Estadual		1984
<u>Propriá</u>	<u>Sobrado na Avenida Graccho Cardoso n°, 584</u>	Estadual		1995
<u>Propriá</u>	<u>Estação Ferroviária Velha de Propriá (Tiro de Guerra)</u>	Federal	Lista do Patrimônio Cultural Ferroviário	2011
<u>Riachuelo</u>	<u>Capela do Antigo Engenho Penha</u>	Federal	Abandonada	<u>1943</u>
<u>Rosário do Catete</u>	Sobrado na Rua Padre Rocha Villar n° 251	Estadual	Abandonada	<u>1943</u>

<u>Santa Luzia do Itanhy</u>	<u>Igreja Matriz</u>	Estadual		
<u>Santa Luzia do Itanhy</u>	<u>Usina São Félix</u>	Estadual e Municipal		
<u>Santo Amaro das Brotas</u>	<u>Igreja Matriz de Santo Amaro das Brotas</u>	Federal	Igreja	<u>1942</u>
<u>Santo Amaro das Brotas</u>	<u>Capela de Nossa Senhora da Conceição do Antigo Engenho Caieira</u>	Federal	Capela	<u>1943</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Praça de São Francisco</u>	Mundial		<u>2010</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja e Convento de São Francisco e Ordem Terceira</u>	Federal	Igreja e Museu de Arte Sacra	<u>1941</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja Matriz de Nossa Senhora das Victórias</u>	Federal	Igreja	<u>1942</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Conjunto Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de São Cristóvão</u>	Federal	Cidade Histórica	<u>1967</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Cidade de São Cristóvão</u>	Estadual	Cidade	<u>1938</u>

			Histórico	
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja e Convento do Carmo</u>	Federal	Igreja e Convento	<u>1942</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja de Senhor dos Passos - Ordem Terceira do Carmo</u>	Federal	Igreja	<u>1942</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Antiga Santa Casa e Igreja de Misericórdia</u>	Federal	Lar Imaculada Conceição e Escola	<u>1942</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos</u>	Federal	Igreja	<u>1943</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Igreja de Nossa Senhora do Amparo dos Homens Pardos</u>	Federal	Igreja	<u>1967</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Sobrado do Balcão Corrido</u>	Federal	Institucional e restaurante	<u>1943</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Sobrado na Rua das Flores - Atual R. Messias Prado</u>	Federal	Restaurante	<u>1943</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Sobrado do IPHAN</u>	Federal	Institucional	<u>1943</u>

<u>São Cristóvão</u>	<u>Cristo Redentor</u>	Municipal		<u>2009</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Museu Histórico de Sergipe</u>	Estadual		<u>2003</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Capela de Nossa Senhora da Conceição do Antigo Engenho Poxim</u>	Federal		<u>1943</u>
<u>São Cristóvão</u>	<u>Capela de Nossa Senhora de Nazaré do Antigo Engenho Itaperoá</u>	Estadual	Abandonada	<u>1979</u>
<u>São Cristóvão</u>	Telas de <u>Horácio Hora</u> do Museu <u>Histórico de Sergipe</u>	Estadual		2000
<u>Simão Dias</u>	Conjunto Arquitetônico da Praça Barão de Santa Rosa	Municipal		<u>2005</u>
<u>Simão Dias</u>	<u>Memorial de Simão Dias</u>	Estadual		<u>2000</u>
<u>Tomar do Geru</u>	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Socorro	Federal	Igreja	<u>1942</u>

## 2 – Temas do Simpósio<sup>49</sup>

<b>Encontro</b>	<b>Ano</b>	<b>Temática</b>
I	1976	Folclore
II	1977	Linguagem Popular
III	1978	Medicina Popular
IV	1979	Culinária
V	1980	Lúdica Infantil
VI	1981	Artesanato Brasileiro
VII	1982	Literatura de Cordel
VIII	1983	Música Folclórica
IX	1984	Religiosidade Popular
X	1985	Conto Popular
XI	1986	Poética Popular
XII	1987	Danças e Folguedos
XIII	1988	O Negro e a Contribuição à Cultura Brasileira
XIV	1989	Cultura Afro-Brasileira
XV	1990	Dinâmica do Folclore
XVI	1991	Crendices e Superstições
XVII	1992	Folclore latino-Americano: Convergências
XVII	1993	Cultura Popular e Comunicação de Massa
XIX	1994	Cultura Popular e Contexto do Trabalho
XX	1995	Projeção Folclórica
XXI	1996	Globalização da Cultura, Folclores e Identidade Regional
XXII	1997	Folclore: Novos Caminhos da Pesquisa
XXIII	1998	Folclore Infantil
XXIV	1999	Folclore o Sagrado e o Profano
XXV	2000	Mitos, Ritos e Tradições
XXVI	2001	Cultura Popular – Identidade, Tradição e Globalização
XXVII	2002	A Fabricação da Cultura: Apropriação e Expropriação
XXVIII	2003	Folclore: Permanência e Transformação
XXIX	2004	A poética e a Literatura de Cordel
XXX	2005	O Folclore dos Movimentos Sociais e o Poder Comunicante do Folclore
XXXI	2006	Os bens Imateriais
XXXII	2007	Folclore, Mídia e Turismo
XXXIII	2008	Quilombolas e Identidade Cultural

<sup>49</sup> Tabela feita por Beatriz Góis Dantas em roteiro de entrevista entregue a mim por email.

XXXIV	2009	Política Cultural: Cidadania e Identidade
XXXV	2010	Patrimônio Cultural: Pilar do desenvolvimento
XXXVI	2011	Patrimônio Imaterial e a Era Digital
XXXVII	2012	Patrimônio Cultural, Consciência da Preservação
XXXVIII	2013	Lúdica: Poder Comunicante
XXXIX	2014	Cultura Popular: Preservação e Sustentabilidade
XL	2015	O Pulsar da Cultura: 40 anos do Encontro Cultural de Laranjeiras